

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

112 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - FUNDE COM A MÚSICA DE CONFUSÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR QUE CAI PARA B/G.

C/REGRA - CIGARRA DE PORTA EM 3º PLANO.

BELMIRA - Ele está chegando. Que é que eu digo? (PAUSA) Vamos, dona Leila, não dá para esperar mais. Que resolve?

C/REGRA - REPETE O TOQUE DE CIGARRA EM 3º PLANO, UM POUCO MAIS DEMORADO.

BELMIRA - Vamos! Se a senhora não se resolver, eu já vou dizer toda a verdade a ele.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM UM POUCO.

BELMIRA - (2º PLANO) Isto não se faz, dona Leila. Vamos acabar com isto. Eu já vou dizer a ele que a senhora não quer recebê-lo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE AFASTAM AINDA MAIS UM POUCO.

LEILA - (NERVOSA) Belmira, espere!

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS.

BELMIRA - (3º PLANO) (DEPOIS DE PAUSA) E então? Que faço?

LEILA - (PROJETANDO) Manda-o entrar para a saleta.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL ACOMPANHA A DECISÃO.

BELMIRA - Óra graças a Deus!

C/REGRA - PASSOS SOMEM

LEILA - (DEPOIS DE PAUSA) Belmira tem razão. Não posso mais continuar protelando uma situação, tão incômoda para mim como para ele. De uma ou de outra forma a situação tem que ser aclarada, para que as coisas possam tomar um rumo definitivo. (OLHANDO-SE AO ESPELHO) Meu Deus, como estou defigurada... de olheiras fundas... o olhar apagado... sem brilho... Se mãe chega a me ver desse jeito, vai ficar contrariadíssima. Por ela eu já tinha posto um ponto final neste romance, mas que posso fazer, se o coração se insurge? Que vale que o ronge e o baton encobrem um pouco os vestígios do sofrimento.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

LEILA - Não deixem que a tristeza que nos envolve o coração seja reconhecida ao primeiro contato com aqueles que nos rodeiam. (TOM) E então, Belmira? Como está ~~ele~~ Rodrigo?

BELMIRA - Não sei. Não foi ele que chegou. A senhora nem imagina quem está na saleta à sua espera.

LEILA - (Susto) Seu Petrónio?

BELMIRA - Cruzes, dona Leila! Nem me fale naquele homem!

LEILA - Então não sei quem possa ser.

BELMIRA - Dona Arabela.

LEILA - (esperançada) É mesmo?! Capaz que tenha vindo trazer o atestado para me mostrar. Se fôsse, estaria tudo resolvido. Ela não te disse, Belmira?

BELMIRA - Não senhora. Só me disse que lhe pedisse desculpas dela vir sem avisar, mas que precisava muito falar com a senhora.

LEILA - Então só pode ser isto. Vou lá recebê-la.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE SOMEM.

BELMIRA - E eu vou dar um jeito neste quarto que se a patrão chega ~~xxx~~ a vê-lo assim, desarrumado, vai rançar que não vai ser brincadeira. O que vale é que ela vive enfiada na saleta de costuras e o resto ~~da casa~~ ^{da casa} quasi que nem existe para ela.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

LEILA - A senhora disse que veio me fazer uma reclamação? Pois eu estava certa de que a finalidade de sua visita fôsse outra, muito diferente.

ARABELA - Pois é, mas, infelizmente, as coisas que você disse a Petrónio, obrigaram-me a vir chamar-lhe a atenção para a sua leviandade.

LEILA - As coisas que eu disse ao senhor Petrónio? Mas que coisas, dona Arabela? Eu não me lembro de ter dito nada que pudesse prejudicar Rodrigo. E menos, ainda, a senhora.

ARABELA - Desculpe, mas aquela história do atestado médico sobre a insanidade mental de meu genro, você não devia ter contado a êle.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL QUE SUGIRA SURPREZA E SUSTO.

LEILA - Mas perdão, dona Arabela! Eu não falei, ao senhor Petrónio, uma única palavra a êsse respeito.

ARABELA - Não é possível. Ele não poderia saber até detalhes, como, por exemplo, que eu abri a bolsa para tirar o atestado, mas que não o apresentei porque o tinha deixado em casa.

LEILA - (certa vehemência) Não senhora. Eu não falei isso ao seu genro, desculpe. Foi êle que me falou. Aliás, reproduziu a sua visita e o seu assunto com tamanha exatidão que se Belmira não fôsse uma pessoa de minha inteira confiança e uma verdadeira advogada a favor de Rodrigo, eu ficaria desconfiando dela.

ARABELA - Mas então eu não compreendo como êle pode ter sabido tudo com tamanha exatidão.

LEILA - A senhora não teria comentado o fato com alguém, em sua casa?

ARABELA - Bem... eu comentei, sim, mas com uma pessoa que ~~me~~ ^{me} merece a mesma confiança que a sua Belmira. É Catarina, uma antiga serviçal que até, de momento, está no interior em visita a uma irmã enferma.

LEILA - É o tal caso, dona Arabela: as paredes têm ouvidos. Alguém ouviu, aqui ou lá e foi fazer comentários ao seu Petrônio.

ARABELA - E também pode ser que não. Petrônio é um diabo com forma de gente. Encontrou o atestado, que eu talvez tenha deixado cair por lá e nunca mais achei, observou que você e Rodrigo haviam voltado às boas e deduziu, exatamente, aquilo que se passou. E o pior é que eu, agora, estou impossibilitada de conseguir um segundo atestado, porque ele já me declarou que matará, sem discutir, o médico que ele souber que o assinou. Você compreende, eu não posso expor um médico que não é apenas médico mas também um grande amigo, a um perigo dessa natureza. Principalmente porque conheço as obsessões de Petrônio e o que ele é capaz de fazer quando está sob o domínio delas.

LEILA - É uma pena, principalmente porque eu ia precisar desse atestado.

ARABELA - Mas você me disse que nem queria vê-lo; como se entende isto?

LEILA - Para mim, realmente, ele não seria preciso, mas como mãe tem recebido alguns telefonemas anônimos e tem feito uma certa pressão para que eu acabe com o namoro, ~~eu~~ prometi-lhe que, na primeira oportunidade, tomaria emprestado o documento, para que ela pudesse constatar que tudo quanto lhe diziam de Rodrigo eram torpes calúnias de inimigos gratuitos.

ARABELA - Não importa. Eu talvez consiga que o médico venha comigo aqui para dizer à sua mãe, de viva voz, o que não poderá escrever para não correr o risco de ser fuzilado por aquele louco.

LEILA - Pois se a senhora conseguir isto, acho que mãe se dará por satisfeita.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, (de mulher).

ARABELA - Consigo, sim. Estou certa de que o doutor não se negará a me prestar este favor. Somos amigos de tantos anos. Posso até dizer-lhe os motivos do meu pedido.

BELMIRA - Dá licença, dona Leila? O seu Rodrigo está aí. Não sabia se podia mandar entrar para cá... deixei-o no gabinete.

ARABELA - Eu vou embora e não diga a ele que eu estive aqui. Não adianta aumentar a aflição do aflito.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE.

PETRÔNIO - Como é que vão as coisas por aqui, Catarina?

CATARINA - Não tão fáceis como eu imaginava. Em todo caso, depois que fechei o meu corpo e preparei o breve - Ele está aqui, quer ver? (Pausa) Olhe.-depois disto, já as coisas começaram a melhorar!

PETRÔNIO - A dificuldade é a velha Tereza; não é?

CATARINA - Puxa vida! Eu estou com um trabalhinho para botar em baixo do colchão do menino e não tem jeito. Cada vez que me encaminho para o corredor, sinto que ela vem atrás de mim, como quem não quer nada.

PETRÔNIO - Eu lhe avisei que a velha era difícil, você disse que não tinha importância...

CATARINA - E não tem importância, realmente, porque o que menos custa é fazer um trabalho para derrubá-la, mas como esses trabalhos não são baratos, vamos levando de outro jeito para ver se não é preciso gastar tanto. Se de todo não se conseguir como eu penso, aí se faz o trabalho.

PETRÔNIO - Se quiser fazer já, pode fazer. Eu não me importo de gastar.

CATARINA - Não convem, seu Petrônio. Eu recém cheguei na casa, pode haver suspeita. É melhor evitar.

PETRÔNIO - E com ela, você já teve contato?

CATARINA - Já, já falei com dona Eugênia. Tenho a impressão que consegui conquistá-la, não sei.

PETRÔNIO - Acredito que sim, porque aquela é muito fácil de se deixar levar na conversa.

CATARINA - E dona Arabela não desconfiou nada da minha súbita saída da casa dela?

PETRÔNIO - Acho que nem teve tempo para pensar no assunto. Está muito interessada em acomodar o namoro do neto, na ilusão de que poderá ^{apaziguá-los} ~~XXXXXXXXXX~~, mas agora eu já lhe tirei das mãos a arma mais poderosa com que ela contava: o tal atestado de insanidade mental que ela pensava conseguir de algum médico sem escrúpulos.

CATARINA - Eu vou lhe fazer falta lá, porque a que ficou no meu lugar não é tão viva nem tão ativa como eu, apesar de ser muito mais moça.

PETRÔNIO - Mas agora eu preciso mais de você aqui. ~~XXXXXXXXXX~~ Depois de resolvido o caso Eugênia, você voltará a se ocupar do caso Leila. Aí chegará de fora e retomará o seu lugar. Quanto tempo você imagina que será necessária a sua presença aqui?

CATARINA - Ontem fiz exatamente esta pergunta à Mãe Jacinta e ela me respondeu que ficarei o tempo que for necessário. Fiquei sem saber quanto.

- PETRONIO** - Eu queria que antes de um mes ou dois, no máximo, estivessem os dois casos liquidados. Será que você acha que é possível?
- CATARINA** - Aí está uma coisa que não é fácil de responder. E vou lhe dizer outra coisa: é preferível que demore mais, mas gique um trabalho bem feito. As coisas muito rápidas, em geral não são tão seguras.
- PETRONIO** - Se você soubesse como oprime o coração o desejo de vingança insatisfeito, compreenderia o meu ~~anjo~~^{anjo} de ver tudo resolvido em menos tempo.
- CATARINA** - Mas nós temos barreiras dos dois lados. Aqui é Tereza, esse cão de fila que não se afasta do menino cinco minutos. E lá temos dona Arabela que procura defender o neto com unhas e dentes. Ambas são persistentes e de espírito forte. O recurso é esperar a oportunidade mais própria para derrubá-las.
- PETRONIO** - Por isso será preciso que você permaneça sempre na mira. Quando alguma delas expuser o corpo à metralha dos maus fluidos, não durma no ponto.
- CATARINA** - Não tem perigo. Pode ficar tranquilo que havendo uma brecha a mãe ataca.
- TÉCNICA** - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE
- LOCUTOR** - MENSAGEM COMERCIAL
- TÉCNICA** - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE.
- RODRIGO** - Estou triste com você, Leila. Você mudou, depois da visita de papai.
- LEILA** - Não, não mudei. Se você disser que me encontra preocupada, eu admito, porque confesso que estou medrosa de seu pai. Talvez que os efeitos desse medo tenham se refletido nos meus gestos e nas minhas expressões, mas o meu sentimento por você, no fundo, permanece intacto.
- RODRIGO** - Ele teria feito alguma ameaça a você... ou a mim?
- LEILA** - Bem, quer/ dizer... uma ameaça assim clara, direta, ele não fez, mas insinuou, algumas vezes, que fará tudo, até mesmo escândalo, se for preciso, para provar-me que não mentiu. Você compreende, Rodrigo, que essas coisas abalam a gente. Alteram a fé e a confiança da gente, mesmo que se procure reagir contra a destruição, entende?
- RODRIGO** - O que você acaba de dizer, vale como uma confissão de que está outra vez em dúvida e então eu deduzo que não é bem o medo que altera a sua maneira de ser. Isto me desespera, você sabe?
- LEILA** - Mas que posso fazer, Rodrigo? A gente não sente as coisas porque quer. Sente-as, simplesmente, quando elas nos assaltam, sem consultar e sem saber se queremos ou não admiti-las.

- RODRIGO - Eu vou pedir à Vóvó o atestado do médico que examinou papai e vou trazê-lo para que você não tenha mais dúvidas a respeito da minha conduta. Você quer acreditar em mim, mas não pode, não é? Precisa uma prova. Eu trarei esta prova. Mas depois, se você notar qualquer alteração nos meus sentimentos, queixe-se de você mesma.
- LEILA - Você está zangado, Rodrigo e, no fundo, você talvez tenha razão. Mas se ~~eu~~ tivesse, como eu, uma pessoa diariamente martelando nos seus ouvidos, aconselhando-o a dar outro rumo à sua vida, para se livrar de complicações futuras, eu gostaria de ver se você seria tão forte quanto eu tenho sido. Chegam a chamar-me de obstinada.
- RODRIGO - (depois de pausa) Sua mãe, não é?
- LEILA - Eu não queria lhe dizer, mas...
- RODRIGO - Não era preciso que me dissesse. Eu já havia sentido. Ela tem alguma coisa contra mim?
- LEILA - Contra você, nada. Mas é toda a meu favor, entende? Houve essa ^{história} ~~história~~ da visita de seu pai, ela imaginou que ele viesse pedir-me em casamento para você e, por uma curiosidade e um interesse muito humanos, foi espiar atrás do reposteiro a nossa conversa. Mais tarde falou-me dela, vivamente impressionada e aconselhando-me a abandonar um caminho que poderia levar-me à infelicidade. Daí por diante, diariamente ela vem me doutrinando neste sentido, Rodrigo. (chorando) É preciso ser muito forte para resistir o que eu venho resistindo. E eu preciso que você corra, o quanto antes, em meu auxílio, porque sinão, desgraçadamente, ~~eu~~ acabarei naufragando. E eu quero salvar-me, Rodrigo! Eu quero salvar-me porque o amo!...
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA E FORTE.
- TEREZA - Eu preciso preparar a mamadeira do menino. A senhora quer ficar um momento ali no quarto, com ele?
- EUGENIA - Fico, sim, mas quando você precisar se afastar e eu estiver ocupada, pode pedir à Catarina que ela fica.
- TEREZA - Não, dona Eugênia, desculpe, mas eu não vou pedir nada a essa criatura, enquanto não tiver absoluta certeza dos sentimentos dela.
- EUGENIA - Eu tenho conversado muito com ela e posso lhe afirmar que é uma criatura boa. Além disto, tem duas qualidades ótimas: é prestativa e gosta muito de crianças.
- TEREZA - Pode ser, mas uma semana não é tempo de se conhecer uma pessoa, mesmo

TEREZA - (CONT.) morando com ela. Às vezes a gente mora uma vida e de repente se surpreende com a criatura!

EUGENIA - Bem... lá isto é verdade, mas a pessoa que é má sempre se trói por um gesto... uma palavra... uma expressão de olhar e eu venho observando Catarina há oito dias e não posso dizer nada em seu desabono. Pelo contrário, por tudo que me foi dado observar, só posso lhe fazer elogios.

TEREZA - Está bem, mas seguro morreu de velho e nós vamos fazer como ele. Vamos dar tempo ao tempo, para não avançarmos antes da hora preciosa e termos que recuar.

EUGENIA - Está bem, Tereza, você é que sabe. O menino está entregue aos seus cuidados e você foi, sempre, uma pessoa de mais elevado critério.

TEREZA - O que eu tenho é prática da vida e da maldade das criaturas e por isso estou sempre de pé atrás. Foi minha avó que me imprimiu esse ~~este~~ ~~meu~~ critério e nunca tive que me arrepender.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO

ARABELA - Que aconteceu, Rodrigo? Você a esta hora em minha casa... Alguma novidade?

RODRIGO - Sim, vóvó; vou precisar da senhora outra vez.

ARABELA - O que é que você quer, meu filho?

RODRIGO - Que a senhora me consiga o atestado de insanidade de papai.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL. PERMANECE EM FUNDO.

RODRIGO - Preciso dele amanhã mesmo.

ARABELA - Mas como?! Sua noiva lhe fez essa exigência?

RODRIGO - Ela não, mas minha futura sogra precisa ver o preto no branco para se convencer.

ARABELA - Ah, sim... e... qual o prazo que você me daria para conseguir-lhe esse atestado? Espero que você não o queira para hoje.

RODRIGO - Não, não, para hoje não, mas se a senhora pudesse arranjá-lo para amanhã, eu ficaria muito satisfeito.

ARABELA - (PAUSA, PENSANDO) Bem... eu ainda não sei que jeito vou dar, mas vou pensar bem no assunto esta noite e amanhã de manhã já estarei tomando as primeiras providências. Você me permite entrar em contato direto com sua futura sogra?

RODRIGO - Claro que permito, vóvó. Sempre tive inteira confiança na senhora e não tenho nenhum direito de pensar que a senhora vá fazer qualquer

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) coisa para me prejudicar.

ARABELA - Pois então eu vou escrever um bilhete ao Luiz Henrique, para você botar em baixo da porta dele, ainda hoje. Vou pedir-lhe que amanhã venha cedo procurar-me, que eu estou precisando dele.

RODRIGO - A senhora vai envolver esse homem no meu assunto, vóvó?

ARABELA - Vou, mas não se preocupe que ele vai entrar de anjinho na questão. Luiz Henrique é meu amigo e está sempre pronto a servir-me.

RODRIGO - Concorde, mas devo lhe confessar que a cara dele não me inspira muita confiança. Parece que está sempre esperando oportunidades para poder tirar proveito delas.

ARABELA - E está, mesmo. É exatamente isso que ele faz.

RODRIGO - Mas então como é que a senhora pode ter confiança num homem assim?

ARABELA - Ajudando-o, sempre, nas suas dificuldades. Como ele está seguidamente precisando de mim, não se atreve a trair-me, ~~XXXXXX~~ por se arriscar a perder os meus favores.

RODRIGO - E se lhe aparecer outro que ~~lhe~~ ofereça maiores vantagens? A senhora acha que ele resistirá?

ARABELA - Talvez não resista, mas é justamente por isso que nunca o ponho a par do que lhe peço. Ele vai fazer as coisas, sem saber porque as faz.

RODRIGO - Está bem, vóvó, a senhora sempre soube se determinar e não há de ser agora que vai necessitar dos meus conselhos. Escreva o bilhete que eu o levarei.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ARABELA - Recebeu o meu bilhete, Luiz Henrique?

L. HENRIQUE - Recebi, minha cara amiga, recebi. É justamente por causa dele que me encontro aqui, agora. Pronto para servi-la, como sempre, devotado e fiel. Tinha até um compromisso para hoje às onze horas, mas um pedido seu é uma ordem e cancelei-o imediatamente.

ARABELA - Pois meu caro amigo, eu estou precisando muito do seu auxílio, neste momento.

L. HENRIQUE - E eu só esperando que a senhora me diga o que preciso fazer, para botar mãos à obra. A quem devo meter?

ARABELA - Credo, homem de Deus, você enlouqueceu?!

L. HENRIQUE - Digo isto em sentido figurado, para que a senhora saiba até que ponto vai a minha submissão e o meu desejo de servi-la.

ARABELA - Pois bem, hoje, às quatro horas da tarde, preciso que você me acompanhe

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) numa visita muito importante que eu vou fazer.

L.HENRIQUE - Não há dúvida. Irei ao barbeiro agora, cortar o meu cabelo e, na hora, estarei com o meu terno melhor, embora ele não esteja muito lá que se diga.

ARABELA - Pode comprar um terno e mandar cobrá-lo aqui.

L.HENRIQUE - (SATISFEITO) Aceito. Aceito porque o meu não está em condições de se fazer, com ele, uma visita importante. Posso saber onde a minha querida amiga me levará?

ARABELA - Na hora você ficará sabendo. Por enquanto contente-se em saber que vai ganhar um terno novo. (TOM) Ah, é verdade, Luiz Henrique. Compre também um par de óculos modernos, para usá-lo na ocasião da visita.

L.HENRIQUE - Um par de óculos? Aqueles meus escuros não servem?

ARABELA - São horríveis e ordinarríssimos. Não o recomendariam. E você precisa fazer uma boa figura. Sabe por que?

L.HENRIQUE - Como posso adivinhar? Saberei se n'lo disser.

ARABELA - É que você vai passar por um médico psiquiatra, dos mais importantes da cidade de São Paulo.

L.HENRIQUE - (RINDO) Médico psiquiatra? Essa é boa! Essa é muito boa!

ARABELA - Nada de brincadeiras que o caso é sério. Está disposto a fazer isto por mim, Luiz Henrique?

L.HENRIQUE - Óra essa, dona Arabela! a senhora ainda me pergunta?

ARABELA - Pois então esteja às tres horas aqui, para buscar-me.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

12º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

ARABELA - Você precisa fazer uma boa figura. Sane por que?

L.HENRIQUE - Como posso advinhar? Saberei se m'o disser.

ARABELA - É que você vai passar por um médico psiquiatra, dos mais importantes da cidade de São Paulo.

L.HENRIQUE - (rindo) Médico psiquiatra? Essa é boa! Essa é muito boa!

ARABELA - Nada de brincadeiras que/o caso é sério. Está disposto a fazer isto por mim, Luiz Henrique?

L.HENRIQUE - Ora essa, dona Arabela! , senhora ainda me pergunta?

ARABELA - Pois então esteja às tres horas aqui, para buscar-me.

L.HENRIQUE - Pode ficar descansada que não faltarei.

ARABELA - Mas já sabe, hein? Muito bem vestido. Dizem que o hábito não faz o monge, mas neste caso ele tem que fazer. Você precisa parecer um grande médico, muito bem situado na vida.

L.HENRIQUE - Ah, espere: acho que vou precisar de sapatos, também. Os meus não estão muito em forma. São aqueles que a senhora me deu ha dois anos passados, no meu aniversário, embora eu só procure usá-los nas grandes ocasiões, parecem-me um pouco surrados e fora de moda.

ARABELA - Compre tudo que for preciso e as casas que mandem aqui receber que eu pago as contas. Qualquer dúvida que tenham, você dê o número do meu telefone para que me consultem antecipadamente.

L.HENRIQUE - Bem, então eu vou agir que já são quasi onze horas e eu tenho que deixar as compras todas feitas antes do almoço e cortar o cabelo.

ARABELA - Vá de uma vez, então.

L.HENRIQUE - Até logo, minha querida amiga.

ARABELA - Mas veja lá, hein? Compre uma roupa escura. Não me venha com casacos de xadrez e coisas semelhantes.

L.HENRIQUE - Pode ficar descansada. Quem olhar para mim há de me confundir com um médico psiquiatra. (SAI RINDO GOSTOSAMENTE)

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM JUNTAMENTE COM AS GARGALHADAS DE LUIZ HENRIQUE.

ARABELA - Bem, a primeira parte do trabalho está feita. Agora vamos esperar a tarde para completá-lo. Luiz Henrique, bem vestido, vai dar boa impressão, porque não só tem um tipo físico rascável, como também se expressa com

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) bastante facilidade. Ninguém será capaz de dizer que é um pobre João Ninguém, sem eira, nem beira.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARINA - Pensei que se tivesse esquecido de mim.

CATARINA- Por que?

MARINA - Há quantos dias não me dá nem um ar da sua graça? Uma semana, pelo menos.

CATARINA- Uma semana, não senhora, Cinco dias. Uma semana vai fazer amanhã que eu estou a serviço de dona Eugênia.

MARINA - E já conseguiu alguma coisa por lá?

CATARINA- Parece mentira, mas ainda não. A tal de Tereza não é mole, não. Tem ódio de morte do seu Petrônio e como parece que espera algum ataque de surpresa, por parte dele, não solta o menino um instante. Acho que vou levar muito tempo a conseguir qualquer coisa porque, em primeiro lugar, vou ter que conquistar a confiança da velhota, para depois poder agir.

MARINA - E a tal de Eugênia, o que lhe parece?

CATARINA- Posso dar a minha opinião sincera?

MARINA - Pode.

CATARINA- A senhora não vai ficar zangada comigo, não?

MARINA - Se estou lhe dizendo que pode, não tenho o direito de ficar.

CATARINA- Pois sabe que eu gostei dela? É muito simpática, muito agradável, muito fina e educada. Vou lhe dizer mais: a gente conversando com ela e conhecendo o seu modo de ser, não acredita que ela seja capaz das sujeiras todas que seu Petrônio falou.

MARINA - Então você quer dizer que todas as coisas que ele falou são infâmias?

CATARINA- Não, infâmias não digo, mas cismas. Seu Petrônio é muito desconfiado e muito ciumento, já compreendi.

MARINA - O que eu estou vendo é que você está virando a casaca contra Petrônio e a favor dessa tal de Eugênia.

CATARINA- Virando a casaca, eu? Qual o quê! Então você acha que na idade em que estou, eu seria capaz de desprezar a oportunidade de me tornar proprietária de uma casinha que me abrigue, quando eu já não tiver mais forças para trabalhar? Nem tão tola eu sou. Viii para lá com uma ideia prefixda e hei de realizá-la custe o que me custar.

MARINA - Ainda bem. Eu já estava vendo que ia ter que denunciá-la a Petrônio,

MARINA - (CONTINUAÇÃO) por crime de alta traição.

CATARINA - Não tem perigo. Quando eu me comprometo a fazer uma coisa, faço, mesmo que ela me repugne. Fui para lá afin de dar sumiço a criança e vou dar.

MARINA - Escute: e de mim você já teve oportunidade de falar a Ele?

CATARINA - Assim muito por alto. Parece-me que ainda não chegou o momento propício. Ele está muito preocupado com essa questão das crianças e com o noivado do filho. Não daria atenção a outra coisa.

MARINA - Eu não me importo de esperar, contento que você não me esqueça.

CATARINA - Pode estar tranquila. Quando você menos esperar estará sendo convocada para prestar os seus serviços.

MARINA - Eu quero ver. Sou capaz de mobiliar toda a tua casa, se tal acontecer.

CATARINA - Pois então prepare-se para fazer isto porque eu, quando prometo, cumpro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA.

PETRONIO - Dona Arabela está repousando ainda?

JUSSARA - Não senhor. Dona Arabela saiu.

PETRONIO - Saiu?! Mas que novidade é essa? Eu sei que ela não goste de sair com sol alto... Que aconteceu?

JUSSARA - O senhor vai ficar zangado comigo, seu Petrônio, mas eu não vou poder dar-lhe nenhuma informação de importância.

PETRONIO - Como?! Você não recebeu instruções de Catarina para agir como ela?

JUSSARA - Recebi, sim senhor, e tenho procurado cumpri-las, mas acontece que eu não tenho bons ouvidos e quando a porta está fechada, embora eu venha escutar na fechadura, não consigo ouvir sinão palavras esparsas.

PETRONIO - E sabe, ao menos onde minha sogra foi?

JUSSARA - Também não sei. Só sei que ela saiu com um velhote todo preparado que ela chamava de... deixe ver si eu me lembro o nome... Como era, Jus^sara? Meu Deus, eu estou querendo me lembrar e não há jeito...

PETRONIO - Dá, mais ou menos, os traços do velhote, pode ser que eu identifique.

JUSSARA - Ele é de estatura média, cabelos levemente grisalhos, nem gordo nem magro e fala cheio de rapapés e de mesuras: (imitando) "A minha querida amiga", "A minha deliciosa amiga", "A minha incomparável amiga"...

PETRONIO - Já sei. Não precisa dizer mais nada: Ele se chama Luiz Henrique; não é isto?

JUSSARA - (satisfeita) Isto mesmo. É Luiz Henrique, sim. Agora que o senhor disse o nome dele, eu me lembrei bem.

PETRONIO - Eles foram muito bem vestidos, você disse?

JUSSARA - Exatamente. Dona Arabela foi até de chapéu e luvas.

PETRONIO- Você não ouviu falar no nome de Lella, por acaso?

JUSSARA - Não ouvi, seu Petrónio. Eu já lhe disse que não pude ouvir quasi nada.

PETRONIO- Mas eles só podem ter ido à casa dela. Fazer o que, não sei, mas noutra parte não acredito que tenham ido.

JUSSARA - Não faz muito que eles saíram e ela me disse que achava que dentro de uma hora estaria de volta.

PETRONIO- Bem, Jussara, você não vai dizer nada a ela que eu estive aqui, nem que conversei comigo.

JUSSARA - Não senhor, eu não digo.

PETRONIO- Mas procure ouvir a que eles conversarem, quando estiverem de volta, por que eu preciso ter absoluta certeza de que eles foram lá, para depois preparar o contra-ataque. Sim, porque outra coisa eles não foram fazer lá, senão atacar-me.

JUSSARA - O senhor passa aí de noite, ou quer que eu lhe telefone logo que tenha oportunidade?

PETRONIO- O melhor e o mais seguro será eu passar à noite por aqui. Você pode me esperar no portão dos fundos.

JUSSARA - Combinado. Depois de ter dado o lanch da noite a dona Arabela, eu irei esperar o senhor no portãozinho dos fundos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA À SITUAÇÃO.

ARABELA - Pois conforme havia combinado com você, trouxe-lhe o doutor Henrique que é especialista em doenças mentais, para falar-lhe a respeito da psicose do seu futuro sogro. Ele conhece bem todo o curso da enfermidade, pois que vem acompanhando a nossa família... há quantos anos, doutor?

L. HENRIQUE- Há mais de vinte três anos. Foi chamado a primeira vez quando ele estava para casar. Fez comigo um tratamento de quatro ou cinco meses. Ficou em perfeitas condições. Um ano mais tarde, quando Rodrigo nasceu, ele teve uma segunda crise. Parece paradoxal, mas foi a satisfação de ter um filho, coisa que ele sempre desejara, que desencadeou a repetição daquele fato tão desagradável. Depois disto...

ARABELA - Um momento, doutor Henrique. Eu gostaria que o senhor esperasse a presença de dona Silvia, para contar os fatos na sua presença e não ser obrigado a repeti-los.

LELLA - Mas mãe não está em casa, dona Arabela.

ARABELA - Ah não está?! Ora que pena! Foi tão difícil conseguir que o doutor arran

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) jasse meia hora para vir aqui... (TOM) E ela irá demorar muito?

LEILA - Talvez a tarde toda. Foi visitar uma amiga no Hospital dos Servidores e só no trajeto, entre ida e volta, gastará mais de uma hora.

ARABELA - É uma lástima, porque o doutor não me consegue outra meia hora, amanhã ou depois, não é verdade?

L. HENRIQUE - Por mais que deseje servi-la, dona Arabela, penso que esta semana toda não terei mais um momento disponível.

LEILA - Si eu tivesse sabido que a senhora vinha, teria tido o cuidado de pedir à mãe que não saísse. A senhora não me avisou nada.

ARABELA - Não foi possível avisar porque eu não tinha certeza do dia e da hora que o doutor conseguiria para realizar esta delicada missão. E foi um custo convencê-lo a fazer isto, não sei se você sabe...

L. HENRIQUE - Mas por favor não interprete mal, senhorita. Não é que houvesse má vontade de minha parte, mas a senhorita compreende... um médico consciencioso não trói o segredo da sua profissão.

ARABELA - Foi preciso que eu explicasse a êle que, desse segredo, se dependeria a felicidade de duas pessoas que eu estimo verdadeiramente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA INICIO DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO

L. HENRIQUE - Um médico consciencioso não trói o segredo de sua profissão.

ARABELA - Foi preciso que eu explicasse a êle que desse segredo dependeria a felicidade de duas pessoas que eu estimo verdadeiramente. E assim mesmo ainda permaneceu indeciso até que consegui convencê-lo.

L. HENRIQUE - Bem, mas uma vez que a senhora sua mãe não está ~~xxxxxx~~ e será muito difícil para mim voltar a esta casa, deixarei com a senhorita mesmo o meu depoimento que é o seguinte: O senhor Petrónio é um homem a quem qualquer emoção mais profunda pode alterar a sua mente. Uma alegria... uma tristeza... uma contrariedade... não importa. Basta que o seu pensamento se agite em função de qualquer um desses sentimentos para que êle perca, completamente, o controle das suas ideias.

LEILA - Que pena!

L. HENRIQUE - É uma pena, realmente. E o pior é que à medida que o tempo vai avançando, as crises vão se repetindo mais constantemente. E o pior de todas foi esta, agora, com a ~~xxxxx~~ alegria da festa de 18 aniversário do

L. HENRIQUE - (CONTINUAÇÃO) seu segundo filho, ou seja o primeiro do segundo matrimônio. Dessa ele não conseguiu se curar, até hoje. Melhora... piora... volta a melhorar... torna a piorar e assim leva. Dona Eugênia cometeu uma falta muito grande dizendo a ele que estava esperando um segundo filho. Na mesma hora o homem embaralhou as ideias e se revoltou.

ARABELA -- Ela não acreditava que também a alegria pudesse causar-lhe um distúrbio dessa natureza. O resultado é que estamos todos sofrendo o resultado da sua imprudência.

L. HENRIQUE - Pois bem, senhorita, se a senhora sua mãe quiser ouvir todas as coisas que acabei de lhe dizer, combine com dona Arabela e leve-na ao meu consultório. Entre uma consulta e outra eu roubarci uns dez minutos para que ela fique conhecendo toda a verdade.

LEILA - Obrigada, doutor Henrique, eu não creio que seja preciso, mas si ela insistir, nós faremos isto.

TÉCNICA - CORTINA FORTE PARA SEPARAÇÃO. FUNDE COM RUÍDO DE TAXI EM MOVIMENTO. O RUÍDO CAI PARA 2º PLANO AO COMEÇAR O DIÁLOGO E PERMANECE TODA CENA.

L. HENRIQUE - Eu estava certo de que tinha me saído muito bem da minha incumbência, mas diante do seu mutismo parece que não lhe agradei.

ARABELA - Cuidado, ~~ela~~ fale baixo. Olhe o chofêr.

L. HENRIQUE - (menos alto) Alguma coisa não esteve ao seu gosto?

ARABELA - Aquela ideia de oferecer seu consultório. E se a mãe dele resolve ir?

L. HENRIQUE - Monta-se um. Agora que já estamos em meio do caminho, não podemos retroceder.

ARABELA - Eu acho graça a facilidade com que você diz: monta-se um. Você sabe quanto custa montar um consultório para um médico de alta categoria? Nem é bom pensar.

L. HENRIQUE - Há tantos médicos viajando, durante o ano inteiro. Não é difícil encontrar a enfermeira de um deles que alugue o consultório por uma ou duas horas. Por dez ou vinte mil cruzeiros arranja-se isto na hora.

ARABELA - Pois é, mas se isso chegar a ser necessário, você é que vai assumir a responsabilidade, porque o meu nome não pode ser envolvido.

L. HENRIQUE - Não se preocupe. Alguma vez lhe deixei mal?

ARABELA - (Depois de pausa) Ah, meu Deus! Quanta coisa a gente é obrigada a fazer para defender a felicidade de um neto querido! (PAUSA) Berenice tem que estar satisfeita comigo!

TÉCNICA - SOBE O RUÍDO DO AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

EUGENIA - Foi dona Izabela que telefonou?

TEREZA - Não. Foi uma tal de Marina não sei de quantos, procurando Catarina. Eu disse que ela tinha saído, perguntei se queria deixar o recado, mas ela agradeceu e desligou.

EUGENIA - Não é a primeira vez que ela procura Catarina. Ante-ontem fui eu que atendi o telefone.

TEREZA - Precisamos saber quem é essa dona. Não podemos dormir no ponto.

EUGENIA - Alguma colega ou amiga dela, Tereza. Você, também, está sempre de pé atrás e vendo fantasmas em todos os cantos.

TEREZA - Eu já lhe disse como minha avó me dizia: seguro morreu de velho.

EUGENIA - Eu tenho muito boa impressão de Catarina. Achei uma mulher decente, conscienciosa e educada.

TEREZA - Mas eu não disse que ela seja indecente, sem consciência, ou bruta. Disse, apenas, que devemos ter cuidado com ela porque não a conhecemos ^{porque} veio trazida para esta casa por seu Petrônio. Acho que só isto era o bastante para termos a pulga atrás da orelha.

EUGENIA - Mas se ela fosse uma espia, nós já teríamos surpreendido qualquer movimento suspeito e você sabe, muito bem, que, até hoje, isto não aconteceu. E você não relaxou a sua vigilância um instante que fosse.

TEREZA - Ah não relaxei mesmo. Não relaxei e não relaxo. Graças a Deus eu nasci desconfiada e Deus me permita morrer assim, para não ser atecada de surpresa, nunca. Eu estou aqui conversando com a senhora, mas os meus olhos estão lá no zigueiro onde o Luizinho está brincando.

EUGENIA - Eu sei. Pense que não estou vendo? (PAUSA) Tereza, você é uma mulher extraordinária! Acho que Deus ficou com pena de me dar uma cruz tão pesada e então escolheu você para ajudar-me a carregá-la. E se não fosse você... não sei. Acho que já teria sido esmagada.

TEREZA - Não teria sido, não, porque se você não tivesse uma sentinela cuidando todos que se aproximassem, acabaria por me convencer que você mesma teria que cuidá-los. Isso é uma coisa humana... natural... quando a gente sabe que tem quem faça as coisas... vai deixando.

EUGENIA - Quando o telefone tocou, eu pensei que fosse ele, avisando que não viria jantar. Ultimamente, sem que saiba porque, deu para ter essas delicadezas comigo. Eu já fico desconfiada. Esperando uma bomba rebetar, de um momento para o outro.

TEREZA - E é de esperar, mesmo, porque a tática tem sido sempre esta: a bonança

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) precedendo, sempre, uma grande tempestade. Ele não é tão inteligente como eu imaginava. Podia variar de tática para nos pegar de surpresa. Procede sempre da mesma forma.

EUGÊNIA - Ele agora tem nos dando uma trégua porque está todo voltado para a sua vingança contra Rodrigo. Pobre rapaz! Não merecia, também, a injustiça que está sofrendo. Eu às vezes sinto vontade de ir falar com a moça e interceder por ele, mas depois fico com medo que ele descubra e tome qualquer atitude drástica contra mim.

TEREZA - Não vá, não. A senhora já tem os seus problemas que não são poucos, deixe ir lá os de Rodrigo que ela mesmo resolverá.

EUGÊNIA - Dona Arabela deve estar desesperada pelo neto. Ela o adora.

TEREZA - Tem toda razão de adorá-lo. Além de ser filho da sua única filha desaparecida, o rapaz é muito atencioso com ela e dedica-lhe grande afeição. Mas a senhora quer que eu lhe diga uma coisa? Também não vou muito com a cara de dona Arabela. Não sei porque ela não me inspira a menor confiança.

EUGÊNIA - Puxa vida, Tereza! Eu nem sei como é que tu fôste com a minha cara, francamente.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

PIETRONIO - ~~XXXXX~~ Você parece que está embaraçado, Luiz Henrique? Por que?

L. HENRIQUE - Bem... quer dizer... eu estou realmente embaraçado... primeiro porque não esperava a sua visita e depois pela simplicidade da minha casa. Está tudo assim, mal arranjado... O senhor sabe como é casa de solteiro.

PIETRONIO - Não se impressione por causa disto. Em primeiro lugar eu não vou reparar nada, porque não vim aqui para isto e em segundo porque sei botar as coisas nos seus devidos lugares. Uma casa rica, é uma casa com obrigação de se apresentar bem vestida e bem cuidada, e pobre não. Tem o direito de se apresentar despida e até mal cuidada, quando a pessoa não possui meios de pagar a quem a ordena. Portanto, meu caro Luiz Henrique, pode ficar à vontade.

L. HENRIQUE - Obrigado pelo seu elevado espírito de compreensão. Mas, afinal... a que devo o prazer de tão honrosa visita?

PIETRONIO - Já vai saber. O senhor esteve com dona Arabela na casa da noiva de meu filho, não é verdade?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, TRADUZINDO GRANDE SUSTO.

PIETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) Você ainda não me respondeu a pergunta que lhe fiz.

L. HENRIQUE - (Gaguejante e medroso) Não... não... não sei... o que lhe responder.

PETRONIO - Como não sabe? É dizer estive, ou não estive. Mas antes de mentir, devo adverti-lo de que já estou a par de toda a verdade.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE MUSICAL ANTERIOR.

L. HENRIQUE - Bem, então... se o senhor já sabe... que mais quer saber?

PETRONIO - Quero, primeiro, ter a confirmação de sua parte, para depois perguntar-lhe qual é o seu interesse em meter-se numa questão que você não tem nada que ver com ela?

L. HENRIQUE - Bem... realmente... eu não tenho, mas... O senhor compreende... dona Arabela é minha amiga de muitos anos... A gente, também, não pode negar certos favores aos amigos.

PETRONIO - Negar favor é uma coisa, Luiz Henrique, prestar-se a uma infâmia é outra muito diferente.

TÉCNICA - REPETE MAIS UMA VEZ O ACORDE MUSICAL ANTERIOR.

PETRONIO - Você sabe o que pode lhe custar esse papel que está se prestando a representar? Um processo e uma boa temporada numa casa ainda menos confortável e bem mais suja do que esta sua aqui.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE REFLITA MEDO.

PETRONIO - Ache que me entendem, não é assim? (Pausa. Forte) Responda. Eu estou falando com você ou com as paredes?

L. HENRIQUE - (assustado) Entendi, sim, seu Petrônio, entendi.

PETRONIO - Qual é o interesse que você tem em trabalhar contra mim?

L. HENRIQUE - (MEDROSO) Nenhum, seu Petrônio, nenhum. Eu já lhe disse que só fiz aquilo para servir dona Arabela.

PETRONIO - Pois bem, de agora em diante você fica sabendo que eu não permitirei a interferência de pessoas estranhas nos assuntos que só dizem respeito à minha família. (Ameaçador) Compreendam bem, ou é necessário que eu torne a repetir o que já disse?

L. HENRIQUE - (Como que sacudido por Petrônio) Compreendi, seu Petrônio, compreendi... mas o senhor acalme-se. Não há necessidade de violências. Afinal, somos pessoas civilizadas e recebemos o dom da palavra para nos entendermos uns com os outros.

PETRONIO - Está bem. Deixo-lhe aqui o aviso. Se insistir em meter o nariz onde não deve, a brincadeira poderá custar-lhe a liberdade, ou até mesmo a vida!

TÉCNICA - ENTRA FORTÍSSIMA, PARA FINAL DO CAPÍTULO, COM A MÚSICA DE ENCERRAMENTO.

132 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

PETRONIO - (VIOLENTO) De agora em diante você fica sabendo que eu não permitirei a interferência de pessoas estranhas nos assuntos que só dizem respeito à minha família. (AMEAÇADOR) Compreendeu bem, ou é necessário que eu torne a repetir o que já disse?

L.HENRIQUE - (NERVOSO, COMO QUE SACUDIDO POR PETRONIO) Compreendi... seu Petronio... compreendi... mas o senhor se acalme... não há necessidade de violências. Afinal... somos pessoas civilizadas e recebemos o dom da palavra para nos entendermos uns com os outros.

PETRONIO - (SERENANDO) Está bem. Deixo-lhe aqui o aviso. Se insistir em meter o nariz onde não deve, a brincadeira poderá custar-lhe a liberdade, ou até mesmo a vida!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Você já sabe que eu não estou disposto a permitir sua intromissão nos assuntos de minha família, seja lá a pedido de quem for, não sabe?

L.HENRIQUE - (Nervoso e assustado) Já sei... já sei...

PETRONIO - Portanto, se tem amor ao pelo, já sabe, também, o que tem que fazer, não sabe?

L.HENRIQUE - (idem) Já sei... já sei...

PETRONIO - E há outra coisa, ainda, que eu preciso lhe dizer: minha sogra não deverá saber que vim à sua casa e, menos ainda, a atitude que tomei. Entendeu bem?

L.HENRIQUE - Entendi, sim senhor... entendi... Eu não direi nada a ela, fique descansado... Fique descansado...

PETRONIO - Eu tracei uma linha de vingança que será completada a qualquer custo e aí daqueles que pretenderem atravessar ou interromper essa linha! Aí aqueles! Serão presos... trucidados... mortos... valerá qualquer jogo para eliminá-los! Qualquer jogo! E nessa ocasião, valerá o argumento de vocês, que sou louco, para livrar-me da prisão. Acho que você já viu bem com quem está lidando; não viu?

L.HENRIQUE - (nervosíssimo) Vi, sim senhor... vi... Eu já sei... eu já sei...

PETRONIO - Pois bem, então agora vá embora e não me apareça mais. Anão, vá.

L.HENRIQUE - (humilde e medroso) Mas ir embora para onde, se aqui é a minha casa?

PETRONIO - Ah, sim, tem razão. Quem tem que ir embora sou eu. Esqueci-me que esta

PETRÔNIO - (CONTINUAÇÃO) va na sua casa. (saindo) Se é que se pode chamar a isto de casa.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM, QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E BATE FORTE EM 2º PLANO.

L. HENRIQUE - E agora, Luiz Henrique? Como é que tú vais te arranjar com dona Arabela, principalmente se for preciso montar o tal ~~estabilizador~~ ^{consultório}? E eu não posso mesmo me meter neste assunto, de maneira alguma, porque sinão esse homem me elimina. É homem bem furioso, Deus me perdoe! Deixou-me a camisa toda amassada, tal a força com que me agarrou. E si eu tento reagir, não sei... acho que não estava mais respirando, nesta hora. (PAUSA) E o pior de tudo é que eu não vou poder explicar nada para dona Arabela, porque ele não quer que ela saiba e já vi que segredo com êle não existe, porque êle acaba descobrindo. Como será que consegue saber tudo? Como será?

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL VIBRANTE

EUGENIA - Demoraste, Catarina. Eu já estava pensando que não virias mais. Que aconteceu? Tú me disseste que antes de uma hora estarias de volta...

CATARINA - É, realmente demorei e vou lhe dizer porque. Fui acompanhar uma colega numa sortista aí e de repente a mulher olhou para mim e começou a me dizer umas coisas tão certas, que eu acabei resolvendo mandar tirar também a minha sorte.

EUGENIA - Você acredita nisso, Catarina?

CATARINA - Olhe, dona Eugênia, eu vou lhe dizer uma coisa sinceramente: quando eu fui lá, não acreditava, mas a verdade é que saí acreditando. A senhora precisava ouvir as coisas que a mulhersinha me disse.

EUGENIA - É mesmo? E você pode contar alguma?

CATARINA - Posso. Depois de ter falado sobre a minha vida passada como se estivesse me mostrando retratos, tal a exatidão das coisas que dizia, falou que eu estava agora numa casa onde a patrão era uma pessoa muito boa, muito pura e bem intencionada, mas que eu me cuidasse com o patrão porque era uma homem perigoso, vingativo e não muito certo da cabeça.

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

EUGENIA - Ele disse isto?

CATARINA - E disse mais.

EUGENIA - Fale, fale...você me deixou curiosa.

CATARINA - Disse que a senhora tem sofrido muito nas mãos do patrão e que vai sofrer muito mais ainda.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE DE SUSTO ANTERIOR.

EUGENIA - Meu Deus!... E depois, conte, conte...

CATARINA - Falou no filho que a senhora está esperando e eu perguntei para ela algumas coisas, mas ela disse que só poderia falar nesse assunto a você mesma e si eu quizesse que a levasse lá. (PAUSA) A senhora não quer ir, dona Eugênia?

EUGENIA - Não sei, Catarina... acho que não devo ir.

CATARINA - Por que? Que mal tem? Não me parece crime algum.

EUGENIA - Bem sei, mas... se alguém souber que eu fui...

CATARINA - Quem poderá saber? A senhora sai comigo, dizendo que vai fazer uma caminhada para exercício, vamos andando calmamente, como quem realmente está fazendo um exercício, e chegamos lá.

EUGENIA - Não sei... eu nunca fui em casa de gente que não conheço... tenho receio.

CATARINA - Receio de que? Se visse a quantidade de pessoas bem vestidas e de aspecto distinto que estavam lá, quando eu cheguei...

EUGENIA - Pois é, mas isso também me constrange, encontrar lá outras pessoas. Vamos que esteja alguém conhecido? Parece-me arriscado, Catarina.

CATARINA - E si eu falar com ela para nos marcar um outro horário, fora das horas de consulta? Ai a gente não vai encontrar ninguém lá.

EUGENIA - Ainda assim, talvez eu me animasse...

CATARINA - Anime-se, dona Eugênia, vamos... ela disse que tinha tanta coisa a contar-lhe, tantas advertências a fazer-lhe... tantos conselhos a dar-lhe... E isto que eu não falei absolutamente nada da senhora nem da sua casa. E nem podia mesmo falar, porque estou aqui há tão pouco tempo, não sei nada da sua vida. Até foi um grande atrevimento meu, contar-lhe as coisas que ela disse do patrão. A senhora, por favor, nem fale nada a êle.

EUGENIA - Não tenha receio, Catarina. Eu e o patrão conversamos tão pouco! Dizemos um ao outro, apenas, o indispensável.

CATARINA - Como é? A senhora me autoriza a pedir uma hora especial à sortista?

EUGENIA - Não sei... Deixe-me um pouco de tempo para pensar sobre o assunto. Amanhã eu lhe direi qualquer coisa; está bem?

CATARINA - Muito bem. Eu esperarei até amanhã, então. Mas pense em todas as ~~uma~~ coisas que ela me pediu que lhe dissesse.

EUGENIA - Está bem, Catarina, eu vou pensar em tudo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL VIBRANTE OU MISTERIOSA.

RODRIGO - Você me parece, hoje, ainda mais desanimada do que ontem, minha querida. Assim não é possível continuar. Essa preocupação está consumindo você, aos poucos, e eu, francamente, já não sei de que modo isso vai terminar.

LEILA - Lamento, sinceramente, não poder fazer um expressão menos infeliz na sua frente, Rodrigo, mas as minhas forças parece que vão se exaurindo à proporção que minha mãe insiste em ir, com dona Arabela, ao consultório do ~~xxxxx~~ doutor Henrique.

RODRIGO - Bem, mas si êle mesmo ofereceu que fossem, eu não vejo nisto nenhuma dificuldade maior. É só minha avó telefonar a êle, marcar a hora e avisar sua mãe. Vocês podem ir as três. Ou se quiserem poderemos ir os quatro.

LEILA - Não, não, eu não quero mais saber deste assunto. Prefiro esquecê-lo. Mãe irá com sua avó pronto. ~~xxxxxxxxxxxx~~

RODRIGO - Ouvirá a repetição do que o médico disse a você e acabou-se.

LEILA - É, Deus permita que seja assim.

RODRIGO - (medroso) Só pode ser assim; não lhe parece?

LEILA - Não sei. Mãe é tão miudinha... tão de detalhes... de pesquisas... não duvide nada que ela exija ao doutor Henrique a apresentação do seu diploma de médico.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Como?!... Mas isso não é possível. Seria uma descortezia muito grande, até com Vóvó.

LEILA - Tratando-se de minha felicidade, mãe é capaz de tudo. De romper convenções... de fazer grosserias... de tornar-se egoísta e até esquecer os princípios de educação que recebeu.

RODRIGO - Está bem, seja. Para dar-lhe a prova maior do meu amor por você, estou disposto a sujeitar-me a tudo isto. Diga à sua mãe que hoje mesmo conversarei com vóvó e pedirei a ela que marque uma hora com o doutor Henrique.

LEILA - Você me desculpe, querido, mas será a única maneira de podermos voltar a viver em paz. E eu já não durmo... não como... e vivo em constantes sobresaltos.

RODRIGO - Não tenho o que lhe desculpar, Leila. Afinal você não tem culpa alguma das exigências de sua mãe. E nem mesmo contra ela posso guardar qualquer ressentimento, porque, em verdade, ela está no seu direito de procurar garantir a felicidade de sua filha. O mundo é tão cheio de maldades e de surpresas que os mais experientes e mais avisados procuram, com justa razão, experimentar o terreno em que pisam.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

TEREZA - Eu não sei, não, dona Eugênia. A senhora não é criança e sabe muito bem o que faz, mas esse negócio de meter-se em casa de uma sortista que a senhora não sabe quem é, nem a reputação que gosa, parece-me muito arriscado. Na situação em que a senhora se encontra, qualquer deslize pode servir de prova contra a senhora. Pense bem.

EUGENIA - É, sim, Tereza, tú tens razão, mas também depois da criatura ter marcado uma hora especial para mim, fora do horário das suas consultas e eu, no último momento, não aparecer... parece-me uma grosseria sem limites.

TEREZA - O que essa gente faz questão é do dinheiro. Mande o preço da hora em dobro, com uma desculpa qualquer e eu tenho certeza que ela vai ficar contentíssima.

EUGENIA - É... também podia fazer isto... Mas Catarina não vai se conformar. Está entusiasmadíssima.

TEREZA - E a senhora com Catarina? Era só que faltava que se expuzesse a um perigo para não dar-lhe um desgosto. Pois olhe: esse mesmo desgosto terei eu, se a senhora for. Agora é muito simples. A senhora escolha a quem quer desgostar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA FINALDA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE

MARINA - Vejo agora que foi muito bom a senhora ter vindo. A senhora vacilou muito... custou muito a se decidir... mas felizmente a sua boa estrela trouxe-a até cá. Vou lhe fazer uma porção de avisos úteis, mas antes vou lhe contar qualquer coisa, para que a senhora adquira confiança em mim e veja que, assim como acerto o passado, posso, também, acertar o futuro. A senhora casou com um viuvo; não é verdade?

EUGENIA - Sim senhora. Conhece-o?

MARINA - Não, mas estou vendo aqui. Esse viuvo tem um filho moço que também, presentemente, está metido em sérias complicações. Há uma luta muito grande entre ele... o pai... e parece que a senhora. Não sei bem, porque vejo também aqui uma moça. Ela é esbelta, clara e tem os cabelos pretos.

EUGENIA - É Leila, a noiva dele.

MARINA - Noiva? Mas ela não aparece de aliança...

EUGENIA - Bem, ela não é noiva oficial. Ainda não trataram mesmo casamento. São noivos entre eles.

MARINA - Mas há alguém vivamente empenhado em separá-los. (TOM) Eu estou vendo

MARINA - (CONTINUAÇÃO) aqui um homem... mas não pode ser... É o pai dele mesmo que quer separá-los?

EUGENIA - É possível. Ele teve uma dúvida muito grande com o filho.

MARINA - Não, não, mas... essa dúvida... essa dúvida é por outra coisa. A senhora parece que está envolvida nela...

EUGENIA - Estou, sim. Meu marido desconfiou que...

MARINA - (corta) Não, não, por favor! Não me conte nada. Eu vou lhe dizendo o que vejo e quando não for certo a senhora diz.

EUGENIA - Sim senhora.

MARINA - A senhora foi muito feliz durante um ano de casada. Não, não... um pouco mais... quasi dois anos. Era querida por toda a família e respeitáda até pela mãe da primeira mulher de seu marido, que, embora a tivesse recebido com certa prevenção, acabou se rendendo ao seu valor e tribuando-lhe bastante admiração.

EUGENIA - Exatamente. Foi isto mesmo que aconteceu.

MARINA - Seu marido era um homem bom, mas deixou-se cegar por infundadas desconfianças e acabou por se transformar num carrasco da família inteira. Estou falando certo?

EUGENIA - Certissimo.

MARINA - Só um sentimento habita, agora, o coração de seu marido: o ódio. E esse ódio será capaz de dar cabo da família inteira, se a senhora não tomar providências neste sentido.

EUGENIA - Mas que providências posso tomar?

MARINA - Afastar-se dele. Fugir para qualquer recanto da terra, porque ele está tramando a morte do filho que já existe e do que está para nascer. Não é verdade que a senhora tem sido instada a livrar-se do que está para vir?

EUGENIA - É verdade, sim. Ele chegou a ter brigas tremendas comigo, por causa desta criança. Mas eu estou disposta a não pecar contra as leis de Deus, ainda que a minha resolução possa custar-me a vida. Se meu filho morrer morrerá comigo.

MARINA - Não há necessidade da senhora morrer, nem as crianças. Faça o que eu digo. Afaste-se de seu marido, abandone-o, meta-se num recanto qualquer do mundo onde ele não possa encontrá-la e depois que a tempestade houver amainado - porque isto passa - a senhora voltará ao seu lar e ao cuidado de seu marido.

EUGENIA - A senhora acha mesmo que isto poderá passar ou diz apenas para me animar

MARINA - Passa, sim. Eu estou vendo aqui tudo que acontecerá, se a senhora seguir os conselhos que está ouvindo e que não são meus. São das entidades que me assistem, o que aliás é muito diferente. Eu poderia me enganar. As entidades não se enganam nunca. Ditam certo o que vai acontecer.

EUGENIA - Está pronto?

MARINA - Creio que sim. Não vejo mais nada para lhe dizer. Pelo menos que mereça destaque, especial.

C/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA. EUGENIA LEVANTOU.

EUGENIA - Muito bem. Então agora a senhora vai me dizer quanto lhe devo?

MARINA - Absolutamente nada, minha senhora. Não posso cobrar meus trabalhos. Si cobrar, perderei a assistência que tenho, o que é muito importante para mim. Muito mais importante que o dinheiro que eu pudesse receber.

EUGENIA - Então muito obrigada, mas eu gostaria de poder retribuir o seu trabalho.

MARINA - Sabe como retribuirá? Guardando absoluto sigilo sobre os conselhos que recebeu por meu intermédio. Não fale neles a ninguém. Nem mesmo à senhora que a trouxe aqui.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, JUNTO COM AS PALAS, EUGENIA - Pode estar descansada.

MARINA - E quando quiser volte, que eu estarei sempre ao seu inteiro dispor.

EUGENIA - Muito obrigada. Passe bem.

MARINA - Passe bem dona... (TOM) É Eugenia o seu nome, não é?

EUGENIA - Sim senhora.

C/REGRA - ABRE E FECHA PORTA. PASSOS LENTOS. TELEFONE TOCA. OS PASSOS APRESSAM E VÃO PARA O TELEFONE. SUSPENDER FONE DO GANCHO.

MARINA - Alô, quem fala aí?

CATARINA- (FILTRO) Sou eu, dona Marina. Ela já foi?

MARINA - Saiu neste momento, Catarina.

CATARINA- (FILTRO) E a senhora disse tudo que lhe recomendei?

MARINA - Tudo. Tim-tim por tim-tim.

CATARINA- (FILTRO) Aconselhou-a a procurar alguém para livrá-la da orfança?

MARINA - Claro. Pois não era esse o seu principal objetivo?

CATARINA- (FILTRO) Sem dúvida. Mas e ela? Que disse? Acha que vai seguir o seu conselho?

MARINA - Não sei, mas de qualquer forma já admitiu em pensar no assunto, coisa que antes, segundo você me disse, não queria nem ouvir falar.

CATARINA- (FILTRO) Bem, depois que ela chegar e tivermos conversado, talvez eu já tenha alguma novidade para contar-lhe. Adeusinho.

MARINA - Adeusinho.

C/REGRA - RUIDO DE PENDURAR FONE NO GANCHO.

MARINA - Pois sim! Vê lá se eu estou aqui para trabalhar ~~para~~ para os outros. Vou trabalhar para mim, que eu não sou tôla. Si ela desaparecer com os filhos, eu fico com o caminho inteiramente livre para me apossar de quem há muito tempo deveria ser meu! Resta, agora, que ela não conte à Catarina os conselhos que lhe dei.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA TRANSIÇÃO.

ARABELA - Você me desculpe a demora, Rodrigo, mas eu tinha entrado no banho, quando Jussara foi me avisar que você havia chegado para falar comigo. Por mais que tivesse procurado apressar-me, não me foi possível aparecer antes.

RODRIGO - Não tem importância, Vóvó. Eu sabia que a hora era imprópria, mas como o assunto era urgente, eu não quizei deixar para a tarde, para que a senhora pudesse tomar, ainda hoje, as primeiras providências.

ARABELA - Eu acho que mais ou menos já estou sabendo a razão de sua visita à minha casa. Com toda a certeza a sua futura sogra, desconfiada como todas as velhas da idade dela, resolveu ouvir dos lábios do próprio Luiz Henrique as coisas que ele disse à filha; não é isto?

RODRIGO - Em parte, sim.

ARABELA - Luiz Henrique se encarregará de conseguir um consultório alugado ou emprestado, porque já tomou esse compromisso comigo. Diz ele que é fácil e eu acredito que realmente seja, porque nesta época de inverno há muitos médicos viajando e não são todas as enfermeiras que têm critério. Muitas, por dinheiro, vendem até a alma ao diabo.

RODRIGO - Para não sermos tão injustos com elas, devemos antes dizer que pela necessidade, vóvó.

ARABELA - Sim, talvez seja por isso. Não são todos que têm a força necessária para reagir aos reclamos do estômago vazio, ou dos pés descalços em contato com o frio e a humidade das calçadas.

RODRIGO - E por vezes ainda há bocas famintas de crianças, pedindo pão e leite. E não se pode deixar de matar a fome, porque então ela é que matará.

ARABELA - Bem, mas vamos deixar de divagações e filosofias e voltar ao que realmente interessa. Sua sogra quer ir ao consultório do "doutor" Luiz Henrique comigo. Muito bem. Mandarei um bilhete a ele, hoje, e creio que amanhã ou depois, já teremos pronto o cenário da comédia. Eu mesma telefonarei à Leila e combinarei com ela o dia e a hora da visita.

RODRIGO - Mas existe ainda um certo detalhe que talvez dificulte a realização desse seu plano, Vóvó.

ARABELA - Um detalhe? Que detalhe?

RODRIGO - (TOM) Espere. Eu tive a impressão de que alguém entreabriu aquela porta e está do outro lado escutando o que conversamos.

ARABELA - Deve ter sido impressão sua, mas em todo caso não custa ver. Vá olhar.

RODRIGO - (MEIO TOM) Mas a senhora continue conversando, para podermos pegar a pessoa de surpresa. Eu vou sem fazer ruído.

ARABELA - (falando um pouco mais alto) Eu vou escrever um bilhete ao Luiz Henrique, para que ele venha hoje de tarde aqui em casa, afin de combinarmos tudo que precisamos fazer...

RODRIGO - (em 2º plano) (falando alto) Foi você que abriu a porta? Para que?

ARABELA - (projetando) Que há, Jussara? Que estava fazendo aí?

JUSSARA - (um pouco atrapalhada) (2º plano) Não, dona Arabela, não há nada... É que eu... eu vinha perguntar à senhora... se podia servir um cafésinho... mas como vi que estavam conversando, achei que não devia entrar.

ARABELA - (projetando) Vá fazer o cafésinho e traga.

JUSSARA - (2º plano) Sim senhora. Com licença.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS DE RODRIGO QUE SE APROXIMA.

RODRIGO - O que é que a senhora acha de tudo isto?

ARABELA - Não creio que tivesse havido má fé por parte de Jussara, em todo o caso, não custa acautelarmo-nos. O que era que você estava me dizendo?

RODRIGO - (meio tom) Que há um detalhe que talvez dificulte o seu plano.

ARABELA - (idem) E que detalhe é esse?

RODRIGO - Segundo me disse Leila, sua mãe parece disposta a exigir de Luiz Henrique o seu diploma de médico.

TÉCNICA - VERGASTADA QUE TRADUZA UM GRANDE CHOQUE, EMENDA COM MUSICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

14º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Que é que a senhora acha de tudo isto?

ARABELA - Não creio que tivesse havido má fé por parte de Jussara, em todo caso... não me parece demais tomarmos cautela. Que estava você dizendo?

RODRIGO - (Meio tom) Que há um detalhe que talvez dificulte o seu plano.

ARABELA - (Idem) E que detalhe é esse?

RODRIGO - Segundo me disse Leila, sua mãe parece disposta a exigir de Luiz Henrique o seu diploma de médico.

TÉCNICA - VERGASTADA QUE TRADUZA UM GRANDE CHOQUE, EMENDA COM MÚSICA XXXXXE QUE TRADUZA ANCIEDAD E PIQUE EM FUNDO, COLORINDO O DIÁLOGO.

ARABELA - Puxa vida! Mas isso vai ser um contratempo enorme!

RODRIGO - Enorme, diz a senhora? Eu digo um contratempo total. Onde vamos arranjar um diploma de médico para o seu Luiz Henrique?

ARABELA - Onde? Você não duvide nada que ele mesmo arranje. Luiz Henrique é vivíssimo, principalmente quando pode tirar alguma vantagem.

RODRIGO - A senhora desculpe, vóvó. Eu o aceito porque infelizmente vamos ter necessidade dele, mas me repugnam todas essas coisas que ele faz e, particularmente, considero-o um verme, sem noção de moral e de vergonha. Digo-lhe mais: nem sei como a senhora, sempre tão digna e correta, pode incluí-lo na relação dos seus amigos.

ARABELA - É simples, Rodrigo; por pena da situação precária em que vive e também porque o pai dele foi muito amigo de seu avô. Não era um homem lá que se pudesse classificar de primeira linha, mas tinha muitas e apreciáveis qualidades. Inclusive, ajudou-me muitíssimo na ordenação dos meus negócios, nos primeiros tempos de minha viuvez. A gratidão que eu devia ao pai, se transferiu, quando ele desapareceu, para o filho. Tenho procurado sempre ajudá-lo e ele tem me prestado alguns favores.

RODRIGO - Prestado favores, ou feito negócios com as suas indignidades?

ARABELA - Ambas as coisas, meu neto. ~~mas~~ *mas* si ele não se prestasse ao que se presta, de que outra maneira iríamos salvar a sua felicidade, tão injustamente atacada pelo ódio de seu pai? Não devemos, portanto, atacá-lo. É um infeliz, um vagabundo, um caráter frágil, um oportunista, mas que Deus atira ao encontro de pessoas ricas, fortes e íntegras, para prestar-lhes serviços, ~~mostrando assim~~ *mostrando assim*, claramente, que sempre precisamos uns dos outros.

RODRIGO - (DEPOIS DE PAUSA) É... a senhora conhece melhor a vida do que eu... talvez a razão esteja de seu lado. Neste momento, quem, senão esse cafage te, poderia valer-nos?

MABELA - E se precisamos dele, Rodrigo, não poderemos maltratá-lo. Você vai levá-lo, agora, um bilhete meu e, se não quiser falar com ele, deixe-o em baixo da porta, ao passar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA

CATARINA - Parece até mentira que ainda não conseguimos conversar sem testemunhas. Tive que esperar que D.Tereza levasse o menino para dormir, a fim de poder vir saber da senhora como se foi lá com a cartomante.

EUGENIA - Muito bem. Gostei dela, sabe? Pareceu-me uma mulher amável e desinteressada. Acredita que não quis me cobrar um tostão?

CATARINA - Ah, ela não pode cobrar. Cobrando, perde todos os poderes que tem.

EUGENIA - Ela me disse.

CATARINA - Mas afinal ela lhe disse muita coisa interessante?

EUGENIA - Disse. Ela relatou o meu passado com tamanha fidelidade que eu fiquei perplexa. Parecia que a criatura tinha convivido comigo, dentro da minha casa. Até certos detalhes íntimos ela revelou.

CATARINA - Eu não lhe disse que a mulher era a tal? Eu também fiquei de boca aberta das coisas que ela me disse. Coisas, até, que se passaram na minha cidade natal, bem longe daqui. Ela não podia ter ninguém que lhe tivesse contado; não lhe parece?

EUGENIA - É claro. É que ela tem, realmente, esse dom raro de ver e prever as coisas. Meu pai dizia que eramos nós, pelo pensamento, que transmitíamos às cartomantes as coisas que elas diziam, mas ~~eu~~ agora vi que não, ^{eu} por que nem estava pensando em determinada coisa - digamos - e ela falava naquilo com absoluta fidelidade e precisão.

CATARINA - Comigo também. Eu até vou lhe confessar que cheguei a fazer uma experiência, pensando com força em determinado assunto e ela me falar, com exatidão, em outro ~~assunto~~ completamente diferente. Pode bem ver que transmissão de pensamento não era.

EUGENIA - Não é, não. Eu também, hoje, estou convencida.

CATARINA - Mas afinal o que foi que ela disse ~~de~~ a respeito daquele assunto que eu, sem querer, ouvi o seu Petrônio discutir com a senhora? Ela aconselha a deixar nascer a criança, ou fazer a vontade dele?

TÉCNICA - ACORDE TRAGICO E BURDO.

EUGENIA - (CAUTELOSA) Que engraçado... você sabe que... que eu fiquei tão nervosa e tão embaraçada quando ela, inesperadamente, me falou neste assunto... que não posso agora me lembrar das coisas que ela disse...

CATARINA - Mas como?! Não é possível! Justamente o mais importante!

EUGENIA - Pois é para você ver como eu estava nervosa e embaraçada. Eu me lembro que ela falou muito sobre isto, mas quando ela iniciou o assunto, senti um choque tão violento que fiquei com uma zuada nos ouvidos, a cabeça meio tonta e quando, por fim, consegui dominar-me, ela já tinha passado a outro assunto.

CATARINA - Ora, que pena! Mas então a senhora vai ter que voltar lá, para falar unicamente sobre este assunto. A senhora não tem vontade de livrar-se da criança; não é?

EUGENIA - Não, Catarina, não tenho, porque a minha religião condena o emprego dessas práticas e eu não posso ir contra os conselhos do Padre Crispim, meu confessor e amigo de todas as horas difíceis da minha vida.

CATARINA - Bem... os padres, realmente, têm esse preconceito, mas eles precisavam viver certos problemas do lar, para depois fixar os seus pontos de vista.

EUGENIA - E você pensa que eles não vivem? Padre Crispim não vive unicamente o problema do meu lar, mas os problemas de todos os lares da sua paróquia. É a ele, no confessional, que cada um derrama as suas angústias e as suas queixas e daí por diante ele começa a ajudar cada um a arrastar a sua cruz pelos caminhos da vida.

CATARINA - Não sei. Eu, como não sou religiosa e não acredito muito na solidariedade humana, não posso aceitar essa história colorida e bonita de se ajudar aos outros a arrastar sua cruz. Acho que cada um que pode, sai fora e deixa a sua cruz no ombro dos outros. Pelo menos os espertos é assim que fazem. Ou pelo menos foi sempre assim que vi fazerem, em redor de mim.

EUGENIA - Que triste deve ter sido a sua vida, Catarina! A descrença é o peso maior que se pode ajuantar a uma existência atribulada e infeliz. A fé, ao contrário, mantém sempre acêsa a lâmpada votiva da esperança e acaba, seguramente, por nos conduzir a um destino melhor.

CATARINA - Talvez. Não vou discutir isto com a senhora, mas nós estamos nos desviando do assunto mais importante e o nosso tempo é sempre pouco porque dona Tereza raramente nos deixa a sós. Antes que ela volte deixe que lhe diga que senti nas palavras de seu marido que ele está irredutível no seu ponto de vista e que se a senhora não quiser perder a criança,

CATARINA - (CONT.) acabará, fatalmente, por perdê-lo. E lembre-se mais: que o mesmo padre que hoje condena o seu pecado, amanhã facilmente a perdoará.

EUGENIA - Mas e a consciência não conta, Catarina?! Que me adiantaria o perdão do padre, se a minha consciência continuasse gritando contra o meu pecado? Não, não, eu não posso fazer o que você me aconselha. Não posso.

CATARINA - É pena! A sua vida seria outra, se celesse à vontade de seu marido. O que a senhora tem que fazer é pensar no assunto todos os dias um pouquinho, para cabar aceitando-o com naturalidade. Eu não tenho nenhum interesse nisto, mas tenho pena do que acontece com a senhora e a minha intenção é uma só: ajudá-la.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Até que enfim o senhor se dignou a atender aos meus chamados. Foi preciso que lhe escrevesse tres bilhetes. Que está acontecendo com você, Luiz Henrique? Você foi sempre tão pronto em me atender...

L.HENRIQUE - Realmente, mas... há ocasiões em que a gente, por mais que queira, não pode fazer o que deseja.

ARABELA - Bem, o essencial é que você apareceu e eu preciso que você comece a agir imediatamente. Lembra-se do seu compromisso de arranjar um consultório emprestado para aquela questão de Leila e de Rodrigo?

L.HENRIQUE - Lembro-me, sim senhora.

ARABELA - Pois bem, chegou a ocasião de voltarmos àquele assunto, por exigência da mãe da menina. E mais: você não vai precisar arranjar apenas um consultório, vai precisar também de um desenhista que copie, fielmente, o diploma de um médico verdadeiro, mas botando o seu nome.

L.HENRIQUE - Eu entendi, mas acontece que arrumar esse atestado, já não vai ser tão fácil, dona Arabela.

ARABELA - Ora deixe-se de bobagens, Luiz Henrique. No terreno das vigarices e simulações você sabe todos os caminhos para atingir o fim desejado. E sabe, também, que eu sei dar valor às tarefas difíceis, no momento de recompensá-las. Não existe, para mim, o fator dinheiro. Posso gastar o que for preciso, sem regatear. Você sabe bem, porque me conhece.

L.HENRIQUE - Sim, sim, dona Arabela, eu sei, mas ha uma outra questão que, desta vez, me impede de atender às suas solicitações.

TÉCNICA & ACORDE VIOLENTO DE SUR REZA E SUSTO.

ARABELA - O que?!... Você enlouqueceu de/ uma hora para outra, Luiz Henrique?

L.HENRIQUE - Não senhora, não enlouqueci. Tenho uma razão muito forte para estar lhe falando desta forma.

ARABELA - Uma razão? E que me importam as suas razões? Você assumiu um compromisso comigo; agora tem que cumpri-lo. Se acha pouco o que lhe costumo dar em dinheiro, diga o que pretende, mas faça o serviço combinado.

L.HENRIQUE - Dona Arabela, ninguém mais do que eu lamenta o que está acontecendo, mas a verdade, desgraçadamente, é que eu estou proibido de continuar a ajudá-la e (baixa o tom) digo-lhe mais: ameaçado de morte.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR DE SURPREZA E SUSTO.

ARABELA - O que?!... Como foi que você disse? Ameaçado de morte?

L.HENRIQUE - Exatamente como a senhora ouviu.

ARABELA - (Depois de pausa) Já sei. Já compreendi tudo. Aquela homem vai acabar por me fazer odiá-lo.

L.HENRIQUE - Mas eu não lhe disse o nome de ninguém. (Assustado)

ARABELA - Não era preciso que dissesse. Para bem entender, meia palavra basta.

L.HENRIQUE - (assustado) Não, dona Arabela, por favor... eu não lhe disse quem foi... eu não lhe disse...

ARABELA - (ralhando) Deixe de ser medroso, Luiz Henrique. Tamanho homem com medo de ameaças tôlas. Nem eu que sou mulher. Eu pagarei um detetive para protegê-lo, se fôr preciso, mas você vai fazer o que me prometeu antes.

L.HENRIQUE - Não, dona Arabela, sinto muito, mas eu me retiro deste caso, definitivamente!

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO, EMENDA MUSICA FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

ARABELA - Eu pagarei um detetive para protegê-lo, se for preciso, mas você vai fazer o que me prometeu antes.

L.HENRIQUE - Não, dona Arabela, sinto muito, mas eu me retiro deste caso, definitivamente!

TÉCNICA - ACORDE QUE TRADUZA SURPREZA E SUSTO.

ARABELA - Não pode. Como retira-se se já tem sua palavra empenhada? E se até já recebeu uma parte dos honorários?

L.HENRIQUE - Eu vou trabalhar para lhe devolver esse dinheiro, mas repito que não me envolverei mais nesse caso.

ARABELA - Um grande covarde é o que você é. Covarde e sem palavra, Já pensou na situação em que nos coloca, junto à família daquela moça? Aposto que não.

L.HENRIQUE - Dona Arabela, eu lhe confesso que não pude pensar em mais nada, senão em defender minha vida.

ARABELA - E que vale sua vida, afinal? Quem é você? Como vive? Talvez fosse muito melhor uma morte digna, do que ~~XXXXXXXX~~ continuar a arrastar-se na miséria e no lodo em que tem vivido até agora. Pratique, talvez o único ato heróico de sua vida, arriscando-a para salvar a felicidade de dois jovens que se amam e que a irreflexão e a maldade de um homem quer ver separados para sempre, irremediavelmente!

L.HENRIQUE - É inútil forçar a minha natureza, dona Arabela. Eu nunca tive espírito de sacrifício.

ARABELA - E será que entre os canalhas, seus amigos, não existe um menos medroso que você e que se disponha a ganhar o dobro do que lhe ofereci?

L.HENRIQUE - Os canalhas meus amigos são muito menos escrupulosos do que eu e a senhora poderá correr o risco de ver-se traída na hora precisa.

ARABELA - E já não o fui por você?

L.HENRIQUE - Não senhora. Eu apenas recuei. Se desejasse traí-la, teria oferecido meus serviços a "ele", o que não fiz.

ARABELA - Está bem. Desapareça de minha frente e que eu nunca mais lhe ponha os olhos em cima. O dia que souber que você morreu, traído por um dos seus amigos canalhas, por caridade, rezarei, ainda, uma Ave Maria em intenção de sua alma.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DE CENA

PETRONIO - Alguma novidade, Jussara?

JUSSARA - O homem esteve lá e discutiu muito com a patrão.

PETRONIO - E concordou em continuar trabalhando para ela?

JUSSARA - Não senhor, desistiu. Dona Arabela ficou tão exaltada que eu fiquei pensando que ela era capaz de ter uma coisa. Finalmente ela correu com ele e disse que nunca mais ele aparecesse lá.

PETRONIO - Ótimo! Era isto mesmo que eu queria. Minha sogra está atrapalhando toda a minha vingança, mas, por ser mãe de Berenice, eu não desejaria fazer-lhe nenhum mal. (Pausa) Rodrigo não voltou a procurá-la?

JUSSARA - Não senhor. Ela falou com ele pelo telefone, depois que o tal homemsinho saiu. Ele parecia muito nervoso, pelo que ela dizia.

PETRONIO - E o que é que ela dizia?

JUSSARA - Que ele se acalmasse e embromasse a família da menina por mais uns tempos, que ela daria um jeito.

PETRONIO - E ela é bem capaz de dar esse jeito, mesmo. Por isso devea ficar bem ~~atenta~~ atenta e a menor coisa me comunicar, em seguida.

JUSSARA - Eu estou atenta, seu Petronio, pode ficar confiante. Outro dia o rapaz quasi me surpreendeu, mas eu tive calma e me sai muito bem. Disse-lhe que ia oferecer um cafésinho, mas como percebi que o assunto era reser vado não quiz bater e retrocedi.

PETRONIO - E será que eles não ficaram desconfiados? Minha sogra é muito viva.

JUSSARA - Acho que não, porque logo de início, talvez por precaução, baixaram o tom de voz, mas pouco depois já se haviam esquecido e falavam normalmente.

PETRONIO - Catarina também está encontrando dificuldades na minha casa, mas continua dizendo que cumprirá religiosamente a sua missão e eu espero que sim.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

RODRIGO - Sua mãe falou com você, hoje?

LEILA - Falou.

RODRIGO - Voltou ao assunto do médico?

LEILA - Não fala de outra coisa.

RODRIGO - E sabe que tão cedo não vamos poder resolver esse assunto?

LEILA - Por que?

RODRIGO - O médico viajou para Minas. Está com a mãe muito mal e foi chamado com urgência. Disse vóvó que ele não voltará antes que o caso se resolva.

LEILA - É pena. Vai ficar uma situação muito aborrecida para mim.

RODRIGO - Para você só? Para nós. Pensa que eu também não estou aborrecido?

LEILA - Não vejo a hora em que a bruma se desfaga e possamos viver novamente os momentos bons que antes vivíamos.

RODRIGO - Não vê porque não tem confiança em mim e se deixa influenciar pela opini ão de sua mãe. Se você confiasse, não estaria inquieta e angustiada.

LEILA - Que fazer, Rodrigo? Quantas vezes já disse a você que é inútil tentarmos comandar as nossas emoções e os nossos sentimentos? Isto já deve ter ~~uma~~ acontecido com você: tentar arrancar um espinho do seu coração e o cora^{ção} ção teimar em continuar doendo.

RODRIGO - Mas eu não posso continuar nessa situação, Leila. Sinto que começo a ficar irritado e isto é muito desagradável para mim.

LEILA - Está vendo? Você não quer se irritar e no entanto se irrita. Vem justa^{mente} mente ao encontro do que acabei de lhe dizer.

RODRIGO - Eu vou sair, Leila. Permanecer para dissentir, pode resultar mal para nós dois.

LEILA - Pode, sim, mas eu peço licença para lembrar a você que a solução está muito mais ao alcance da sua mão do que da minha.

RODRIGO - Não concordo. Que posso fazer, se o médico não está na cidade? A solução, portanto, seria você se resignar a esperar mais um pouco, com paciência e confiança, que é justamente o que está faltando em você e originando todo esse descontrole.

LEILA - São pontos de vista, Rodrigo. Não adianta debatermos opiniões tão diversas.

RODRIGO - Eu também acho. E é por isso que me retiro. Boa noite, Leila.

LEILA - Boa noite, Rodrigo.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM E MULHER QUE SEGUEM SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, SEM ABAFAR O DIÁLOGO.

RODRIGO - Faça o favor de explicar à sua mãe o contratempo e dizer-lhe que assim que o doutor Henrique voltar, vóvó marcará com ele dia e hora para irem lá.

LEILA - Si ela me perguntar alguma coisa, eu direi; do contrário, talvez seja até melhor não falar-se no assunto.

RODRIGO - Faça como achar melhor.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE.

TÉCNICA - RUIDOS PRÓPRIOS DE RUA, EMQUANTO A PORTA PERMANECER ABERTA.

LEILA - Recomende-me à sua avó, se falar com ela ainda hoje.

RODRIGO - Obrigado. Boa noite.

LEILA - Boa noite.

C/REGRA - RUÍDO DE FECHAR PORTA.

TÉCNICA - SUSPENDE, AUTOMATICAMENTE, OS RUIDOS DE RUA.

LEILA - (depois de pausa) Que triste têrmos chegado a este ponto! Nem parecemos mais os mesmos de uma semana atrás!...

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. CESSAM OS PASSOS.

LEILA - Deus permita que mamãe não se lembre de me perguntar nada hoje. Voltaria ao objetivo de tentar separar-me de Rodrigo e no estado de ânimo que estou hoje... nem sei o que seria capaz de suceder.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

BELMIRA - Ué! O seu Rodrigo já foi? Eu vinha perguntar si ele queria um cafésinho.

LEILA - É, ele foi mais cedo, hoje. Parece que estava indisposto.

BELMIRA - E a senhora também parece que está. Andaram brigando?

LEILA - Brigando, propriamente, não, Belmira. É aquele velho assunto que tú sabes. Enquanto não se resolver vai ser sempre isto.

BELMIRA - Eu já lhe dei uma sugestão que resolveria praticamente o assunto. A senhora não quer aceitá-la...

LEILA - Tá me deste uma sugestão, Belmira? Não. Tô me deste várias sugestões, mas acontece que mãe não achou que elas pudessem resolver alguma coisa e quer falar com o médico, quer ver o diploma do médico, quer saber se o médico é pessoa idônea e não sei quantas coisas mais.

BELMIRA - E por que não fazem isto logo, para acabar de uma vez com essa lenga-lenga que já está mais comprida do que esperança de pobre?

LEILA - Justamente porque dona Arabela não consegue que o médico marque um dia e uma hora para que ela vá lá com mãe.

BELMIRA - E por que sua mãe mesmo não telefona para o médico e não fala com ele?

LEILA - Porque já telefonou para todos os doutores Henrique que constavam do catálogo logo telefonou e nenhum deles conhece dona Arabela. Você sabe muito bem que mãe não é pessoa que espere pelos outros. Podendo, ela mesmo faz.

BELMIRA - É uma pena, realmente, essa demora, porque vai acabar por separá-los.

LEILA - E eu não queria, Belmira. Não queria porque gosto de Rodrigo e muito, mas também são tantas as complicações, tantos os desencontros que no fim, por mais que a gente queira confiar... falta-nos capacidade.

BELMIRA - ^{Aí} devia ter feito o que eu lhe disse: ter ido procurar a madraستا de Rodrigo, para ver de que forma ela encara o provável casamento de vocês. Se tentar fazer alguma coisa contra, é porque tem, realmente, interesse amoroso por ele.

LEILA - Parece-lhe?

BELMIRA - Mas meu Deus! É claro como água. Toda mulher que ama um rapaz, procura dar dele as piores informações às que se interessam por ele, justamente para afastá-las.

LEILA - É... tá não deixas de ter razão. (Pausa) E sabe o que vou fazer, Belmira?

BELMIRA - Diga.

LEILA - Vou amanhã mesmo falar com dona Eugênia, para observar a reação dela.

TÉCNICA - MUSICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

15º CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

BELMIRA - A senhora devia ter feito o que eu lhe disse: ter ido procurar a madra^{ga}ta de Rodrigo, para ver de que forma ela encara o provável casamento de vocês. Se tentar alguma coisa contra, é porque tem, realmente, interesse amoroso por êle.

LEILA - Parece-lhe?

BELMIRA - Mas meu Deus, é claro como agua! Toda a mulher que ama um rapaz, procura dar dele as piores informações às que se interessem por êle, justamente para afastá-las.

LEILA - (pensando) Ê... tú não deixas de ter razão. (Pausa) E sabes o que vou fazer, Belmira?

BELMIRA - Diga.

LEILA - Vou amanhã mesmo falar com dona Eugênia, para observar a reação dela.

BELMIRA - Isto! Ora, ~~que~~ até que enfim você vai fazer alguma coisa certa em vez de se encolher pelos cantos a choramingar.

LEILA - Tú serias capaz de me acompanhar, Belmira?

BELMIRA - Sem dúvida, mas penso que será muito melhor a senhora ir sózinha. Ficarão ambas mais à vontade.

LEILA - Eu sou meio medrosa. Tú achas que ela pode me receber mal?

BELMIRA - Se fizer isto, nem precisa perguntar-lhe nada porque está tudo dito.

LEILA - Então eu vou amanhã. A que horas parece-te que devo ir?

BELMIRA - É tão simples. Quer ver?

C/REGRA - DISCA SEIS NÚMEROS E ESPERA.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO NO OUTRO LADO DA LINHA. SUSPENDE AS CHAMADAS NO MOMENTO EM QUE O FONE FOR LEVANTADO DO OUTRO LADO.

BELMIRA - Quem fala aí?

CATARINA- (FILTRO) Quatro sete, sete meia, um cinco.

BELMIRA - É da casa da dona Eugênia?

CATARINA- (FILTRO) É sim senhora.

BELMIRA - Ele não está?

CATARINA- (FILTRO) Está, sim senhora. Quem é que deseja falar com ela?

BELMIRA - É uma amiga que quer fazer-lhe uma surpresa, por isso não vai dizer-lhe o nome. A senhora pergunte a ela a que horas poderá receber essa amiga, amanhã.

CATARINA - ^(FILTRO) Sim senhora, um momento.

BELMIRA - Deve ser a empregada. Ela foi perguntar. (Meio tom) Eu não quis dizer quem era, para não lhe dar tempo de prever atitudes. Ela tem que ser agarrada de surpresa. E a senhora trate de observar a sua primeira reação ~~quixote~~ que é a mais importante.

CATARINA - (FILTRO) Alô!

BELMIRA - Pronto.

CATARINA - (FILTRO) A dona Eugênia manda dizer que estará em casa a tarde toda e que depois das três é a melhor hora.

BELMIRA - Está muito bem, muito obrigada.

C/REGRA - RUIDO DE PENDURAR FONE NO GANCHO

BELMIRA - Disse que depois das três é a melhor hora.

LEILA - Está ótimo. As três eu tenho dentista, depois que sair já irei diretamente para lá.

BELMIRA - ^{A senhora} ~~mas~~ sabe o endereço certo?

LEILA - Sei. É no Leblon. Certa vez Rodrigo passou comigo por lá e me mostrou.

BELMIRA - Pois então amanhã já sabe. Trate de ir até lá, para tirar toda essa história a limpo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE PARA MUDANÇA DE CENA.

RODRIGO - Eu não posso mentar por mais tempo essa situação, vovó. Ontem já tivemos, por causa disto, um princípio de atrito, acabando irritadíssimos um com o outro. Valeu-nos o bom senso que tive de me retirar antes da hora costumeira, não permitindo, assim, que a irritação tomasse maior vulto.

ARABELLA - Mas que queres que eu faça, meu filho? Já não sei mais para quem apelar. Aquela crotino do Luiz Henrique faltou-me na hora principal... eu não sei a quem recorrer para substituí-lo. Até já me lembrei de voltar a falar com seu pai.

RODRIGO - A senhora ache que poderia adiantar alguma coisa? Ele estava tão obstinado na sua idéia absurda que eu não creio que ~~ele~~ seja capaz de recuar da sua atitude.

ARABELLA - Pode ser, meu filho, a gente nunca sabe. Naqueles dias ele andava, realmente, furioso e obstinado, mas já se passou tanto tempo... ele não tomou nenhuma atitude concreta contra a mulher... pode ser que tenha reconsiderado o seu juízo errôneo e esteja até desejando que se vá ao encontro dele.

RODRIGO - Seria ótimo, se assim fôsse. Inclusive eu sinto saudades dele, vontade

- RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) de conversar com êle, como antes, os dois sentados no seu gabinete de trabalho, ótimos amigos, interessados um pela vida do outro, pelo trabalho, pelos problemas sentimentais, pelos resultados financeiros obtidos nos negócios, tudo, enfim! Papai deveria compreender que não me seria possível proceder indignamente com êle.
- ARABELA - Eu penso que terá compreendido. Do contrário não se justifica que continue morando debaixo do mesmo teto que a mulher que considera adúltera e ao lado do filho que ~~ela~~ imaginou ser um produto de traição.
- RODRIGO - E si eu mesmo fosse// procurá-lo; que acha a senhora que êle seria capaz de fazer? Que reação teria?
- ARABELA - Não se pode saber, mas em todo caso, parece-me que seria mais lógico que ~~ela~~ se emocionasse com a sua presença e com as suas palavras, do que com a visita desta velha a quem êle já não liga.
- RODRIGO - Parece-lhe, então, q~~ue~~ devo procurá-lo?
- ARABELA - É claro. Perdido por perdido... Não custa tentar.
- RODRIGO - Pois bem, esta noite me revestirei de toda a corágem que ainda me resta e irei à casa de meu pai tentar entender-me com êle.
- ARABELA - E eu ficarei aqui rezando e pedindo à tua mãe que te acompanhe, para que sejas bem sucedido.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE, PARA MUDANÇA DE CENA.
- TEREZA - Está lá na sala uma moça, procurando pela senhora.
- EUGENIA - Deve ser a tal que telefonou ontem, dizendo que era minha amiga, mas não dava o nome por desejar fazer-me uma surpresa.
- TEREZA - Pode ir atendê-la que eu fico reparando o menino.
- EUGENIA - E a roupa dele, você já lavou?
- TEREZA - Já está tudo estendido. Amanhã de manhã, em meia hora eu passo.
- EUGENIA - Se você precisar fazer mais alguma coisa, chame a Catarina que ela fica no seu lugar.
- TEREZA - (seca) Está bem.
- EUGENIA - Você acha que eu preciso mudar o vestido, ou estou bem assim?
- TEREZA - Isso é lá com a senhora, mas a mim me parece que está bem.
- EUGENIA - Bem, então deixe-me ir lá ver esse amiga que quer fazer-me surpresa.
- C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APASTAM. PORTA ABRE E PECHA EM SEGUNDO PLANO.
- TEREZA - Eu acho graça da ingenuidade de dona Eugênia. Chamar essa tal de Catarina para ficar no meu lugar! Eu sei lá quem é essa mulher e que secreta missão terá vindo cumprir nesta casa? Eu já estava começando a querer

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) acreditar na sinceridade dela, mas depois que por duas vezes a surpreendi com a mamadeira do menino nas mãos, sem razão justificada, botei, novamente, as minhas barbas de molho. E na segunda vez, ela estava com qualquer coisa na mão que escondeu, depressa, no bolso do avental. Não quero e não posso perdê-la de vista um instante sequer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

EUGENIA - Mas então a senhora é que é a noiva de Rodrigo?

LEILA - Exatamente.

EUGENIA - Pois pode crer que tenho um grande prazer em conhecê-la.

LEILA - Obrigada. Eu também tinha muita vontade de conhecê-la. Ele me falava tanto na senhora... com tanto respeito... com tanto carinho...

EUGENIA - (natural) Rodrigo é um rapaz excelente. De um caráter admirável! Mas pelo que ouvi dizer, ele soube escolher, porque a senhora também é.

LEILA - Qual nada. O único motivo que tenho é amá-lo sinceramente.

EUGENIA - E não será esse o principal de todos os fatores para um casamento feliz?

LEILA - Dizem-me os mais experientes que sim. Resta, agora, que ele também me ame com o mesmo e entranhado amor que lhe dedico.

EUGENIA - Deve amar, do contrário não se tornaria seu noivo. Rodrigo não faria nada que seu coração não lhe impusesse. É cem por cento verdadeiro e sincero. Não lhe dirá nada além daquilo que sinta.

LEILA - Ele agora está atravessando uma fase má de sua vida. Ando abatido... triste... e sobretudo magoado.

EUGENIA - Eu sei. Fomos, ambos, atingidos pelas mesmas injustiças. Posso muito bem avaliar o que ele sofre, pelo que tenho sofrido eu. Não há injustiça que mais nos fira do que aquela que nos é feita por alguém que amamos. E é o nosso caso.

LEILA - Perdão, mas eu vou lhe fazer uma pergunta indiscreta e talvez até indevida, mas... a suspeita de seu marido surgiu do nada?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

EUGENIA - Não. Ela teve uma causa, mas tão vã, tão tola, tão ridícula, que só mesmo um cérebro doentio poderia aceitá-la e subjugar-se a ela. Meu enteadado segurava a minha mão, examinando a minha aliança de brilhantes. Foi tudo. Mas pelo que estou vendo a senhorita veio aqui para conferir as suas suspeitas?

LEILA - Foi. Eu não podia mais com o peso das minhas dúvidas. Estava quasi esmagada quando me lembrei de vir aqui conversar com a senhora. Fiz bem.

LEILA - Saio daqui em condições de voltar a ser a mesma para o meu querido Rodri-
go, a quem tenho feito tantas e injustas restrições nestes últimos tempos.

EUGENIA- Se soubesse o quanto também eu tenho sofrido por causa disto!...O que me
tem valido é o Padre Crispim, meu confessor, que tem procurado manter
sempre acesa, em mim, a lâmpada da minha fé, robusta e inabalável.

LEILA - Deve ser admirável crer-se assim com tamanho fervor. Si eu também ^{possuísse}
~~esse~~ essa arma para defender-me, talvez não tivesse sofrido tanto, como so-
fri.

EUGENIA- Deixe estar que, de hoje em diante, hei de pedir a Deus, nas minhas ora-
ções, para que você sinta despertar no seu coração esse sentimento incom-
parável que é um verdadeiro escudo nos momentos terríveis de nossa vida.

LEILA - Obrigada, dona Eugênia! Mil vezes obrigada! Si eu soubesse que me faria
tanto bem essa visita, há muito que teria vindo.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.

BELMIRA - Estava aflita que a senhora chegasse, para saber como foi recebida.

LEILA - Muito bem, Belmira. Só lamento que não tivesse ido antes, porque então
já estaria, há mais tempo, com a alma aliviada.

BELMIRA - Eu não lhe dizia? Observou bem a primeira reação dela, quando lhe disse
que era a noiva de Rodrigo?

LEILA - Observei, Belmira. Estava com todos os meus sentidos presos à fisionomia
da moça. Ela se dobriu num sorriso tão simpático e tão espontâneo, que nem
teriam sido necessárias palavras, depois dele.

BELMIRA - E as referências que ela fez ao rapaz, foram todas boas?

LEILA - Ótimas. Louvou o seu caráter, a sua honestidade, seu amor ao trabalho...
a sinceridade dos seus gestos, a lisura das suas ações... tudo.

BELMIRA - Então escreva o que vou lhe dizer: todas aquelas coisas que o pai disse
a respeito dele, são mentirosas. Ou o homem está realmente doente, ou
é malvado e quer prejudicar o filho. Agora você conte essa visita para a
sua mãe. Pode ser que exerça alguma influência no espírito dela.

LEILA - Em falar à mãe você sabe que não adianta, Belmira. Talvez o melhor de
tudo fosse você contar. Comigo ela discute sempre e acha que eu nunca
tenho razão. E ainda se zanga, quando eu lhe digo que ela é do contra.

BELMIRA - Não, ela não é do contra, mas a verdade é que ~~ela~~ não tem boa vontade com
o rapaz. Ela compreendo, perfeitamente, o seu ponto de vista. Ela acha que

BELMIRA - (CONTINUAÇÃO) um pai não seria capaz de desmoralizar um filho, se não tivesse razões muito fortes contra ele. E partindo desse princípio, ela não consegue admitir que o rapaz seja inocente. Mas de qualquer maneira, o que interessa é que você confie nele e penso que agora você vai confiar; não vai?

LEILA - Vou, sim, Belmira e estou louca para o abraçar e pedir perdão por haver me deixado arrastar pela dúvida.

BELMIRA - É isso mesmo que você tem que fazer. Unir-se bem a ele porque unidos vocês poderão vencer, separados serão presa fácil para o inimigo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

MARINA - Si até agora ela não se resolveu a seguir os conselhos que lhe dei, nada mais poderei fazer sem que volte à minha casa. E isso é trabalho seu, Catarina. Que posso fazer à distância? Diga.

CATARINA - Não sei, mas talvez telefonar-lhe, ou mandá-lhe um bilhete chamando-a.

MARINA - Telefonar ainda eu posso, mas bilhete, não. Estou lá para que ele caia nas mãos de Petrônio e ele se enfureça comigo? Não é o que eu desejo, você sabe. Quero-o bem perto de mim e para sempre, se for possível.

CATARINA - Mas si ele vier a saber que você está trabalhando em favor do que é o seu desejo, por que há de enfurecer-se com você? Só pode agradecer.

MARINA - Mas eu não quero que ele saiba que eu trabalho. Desejo entrar, como quem não quer nada, depois de tudo consumado. Já tenho até a cena toda preparada. Não sabia de nada... mostre-me muito chocada... muito penalizada com a situação dele... e como quem está procurando dar um pouco de solidariedade e de calor humano a alguém que se sente inteiramente só e abandonado, vou atraindo e prendendo-o nas minhas malhas. (PAUSA E TOM) Por que você não conversa novamente com ela e não insiste em que volte aqui?

CATARINA - Porque tenho medo que ela desconfie de minha insistência. O medo não é propriamente dela, que tem boa fé com tudo e com todos, mas daquela velha que é babá do menino, que é desconfiada e esperta como um diabo. E eu preciso dar um jeito de fazer alguma coisa, porque seu Rodrigo já começa a se mostrar impaciente com a demora.

MARINA - Vamos fazer uma coisa: você vai dizer a ela que esteve aqui e que eu mandei chamá-la. Si ela não se aparecer até depois de amanhã, eu toco o telefone e falo com ela. Está bem?

CATARINA - Está, mas se você soubesse como tudo se torna difícil naquela casa por causa da maldita velha! Até para falar com dona Eugênia eu tenho que es

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) parar a hora em que ela vai deitar o menino, senão ela não desgruda. E o pior de tudo é que eu tenho a impressão de que já desconfio comigo, porque já me pegou duas vezes com a manadeira da criança na mão.

MARINA - E para que você queria a manadeira dele?

CATARINA - Para fazer um trabalhinho de macumba. Mas o trabalho que eu vou acabar fazendo vai ser na velha. Ela vai me tirar tantas vezes da paciência, que numa delas eu perceo as estribeiras.

MARINA - Cuidado, Catarina, veja lá! Não se precipite. Não há como ter calma e esperar. Veja o meu exemplo: depois de esperar um vida toda e parecer que tudo estava perdido para mim, estou quase conseguindo aquilo com que sonhei a vida toda!

CATARINA - "Aquilo" que a senhora quer dizer é o seu Petrônio?

MARINA - Claro. Eu disse "aquilo" como quem diz: o homem que eu desejava... o amor que eu esperava... a criatura que eu queria... São maneiras de falar.

CATARINA - Bem, então eu vou andar e vou ver se ainda hoje consigo dizer à dona Eugênia que você mandou chamá-la.

MARINA - Diga. E se ela não me aparecer até depois de amanhã, eu telefono para lá.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE.

CLAUDIA - (alegre) Oh, seu Rodrigo, que prazer! Como vai o senhor?

RODRIGO - Cheio de afazeres e preocupações.

CLAUDIA - Nunca mais apareceu...

RODRIGO - E que adiantaria, se meu pai se negaria a receber-me?

CLAUDIA - O senhor acha que sim?

RODRIGO - Não lhe parece? Depois de tudo que aconteceu entre nós...

CLAUDIA - Bem... quer dizer... eu não estou sabendo lá muito o que aconteceu. Ouvi, assim, por alto, uma ou outra coisa... Mas penso que pai é pai e passados os primeiros momentos de exaltação, a fúria se transforma em mágoa que por sua vez, se apaga para ceder lugar ao perdão.

RODRIGO - Mas eu não tive de que ser perdoado, senhorita Claudia, acredite.

CLAUDIA - Acredito, sim, mas eu estou falando em tese. Quanto tempo faz que altercaram?

RODRIGO - Mais de um mês.

CLAUDIA - Então ele já deve estar na fase da mágoa que é muito mais fácil de ser vencida. O senhor vai querer falar com ele?

RODRIGO - Sim, eu queria, mas tenho muito medo que se negue a receber-me. Preciso

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) va tanto falar-lhe...tinha tantas coisas a dizer-lhe...

CLAUDIA - Eu procurarei ajudá-lo.

RODRIGO - (contente) A senhorita será capaz de fazer isto por mim?

CLAUDIA - E por que não? O senhor sempre me mereceu tanto...

RODRIGO - Obrigado.

CLAUDIA - Eu vou dizer-lhe que tem um rapaz querendo falar-lhe, mas não digo o nome. Si êle depois se irritar comigo não tem importância. A irritação tam bem passa.

RODRIGO - Pois então faça-me esse grande obsêquio e eu ficarei eternamente grato à senhorita.

CLAUDIA - Óra, vamos! Grato por que? Sente-se e espere um momento.

C/ REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 22 PLANO.

RODRIGO - Meu Deus! Ajudai-me para que eu seja bem sucedido! Eu já não sei mais rezar. Esqueci todas as orações que mãe me ensinou, quando era pequeno. Todas, não. Ficou ainda uma quadrilha na lembrança: com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo. Mas eu acho que isto não serve, porque não se adapta à situação, mas em todo caso, si eu me sair bem, prometo que vou estudar uma oração para agradecer-Te.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 28 PLANO. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

RODRIGO - Que tal?

CLAUDIA - Ele vai recebê-lo.

RODRIGO - Sabe que sou eu?

CLAUDIA - Não, não sabe. Quasi que lhe disse, mas fiquei com medo. Entre, vá.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM SEMPRE EM 18 PLANO.

TÉCNICA - MUSICA DE EXPECTATIVA ACOMPANHA OS PASSOS.

C/REGRA - PORTA ABRE E FECHA EM 18 PLANO.

PETRONIO- (EM SEGUNDO PLANO) Pode chegar.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM 18 PLANO.

PETRONIO- (depois de pausa, em 18 plano) Como?!...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO- Que faz aqui?!...

RODRIGO - Preciso falar com o senhor. (PAUSA) Permite que eu sente?

PETRONIO- (seco) Que quer? Vamos?

RODRIGO - Pedir-lhe que reconsidere a sua atitude a meu respeito.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

PETRONIO - Reconsiderar, por que?

RODRIGO - Porque é uma injustiça que o senhor está me fazendo. Eu não mereço isto.

PETRONIO - Ah, você não merece?

RODRIGO - Não senhor. E nem sua esposa tão pouco.

PETRONIO - Dona Eugênia nomeou-o seu advogado de defesa?

RODRIGO - Nunca mais falei com ela.

PETRONIO - Está sentido, por isto?

RODRIGO - Estou. Ela sempre mereceu a minha estima e o meu respeito.

PETRONIO - O seu respeito, também?

RODRIGO - Sim senhor. Principalmente o meu respeito.

PETRONIO - Escute, rapaz: que juízo você faz de mim?

RODRIGO - Por que?

PETRONIO - Você pensa que sou algum idiota, algum débil mental, algum cretino para acreditar nas palavras que você está me dizendo? E aquilo que vi, com os meus próprios olhos, não tem nenhum valor? Então você pensa que eu posso apagar da minha lembrança aquela cena em que os surpreendi de mãos agarradas e completamente enleçados, um na frente do outro? Você acha que uma cena de tal violência e brutalidade, pode ser apagada com meia dúzia de lamúrias proferidas ~~xxx~~ em tom de prece? É, preciso que eu não tivesse um pingote de vergonha e de dignidade. E eu tenho, ouvia, moço? Eu tenho (Elevando a voz) Você não saiu a mim e nem à sua mãe que era uma mulher digna como pessoas. Não quero conversa com você. Retire-se da minha presença, vamos.

RODRIGO - Não papai.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL SÊCA.

PETRONIO - O que?! Atreve-se a contrariar-me? (gritando) Saia da minha presença; não ouviu?

RODRIGO - Ouvi, mas não quero obedecer e vou ficar.

TECNICA - ENTRA FORTE A CARACTERÍSTICA, PARA FINAL DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

PETRONIO - (EXALTADO) Você pensa que eu posso apagar da minha lembrança aquela cena em que os surpreendi de mãos agarradas e completamente enlevados, um na frente do outro? Você acha que uma cena de tal violência e brutalidade, pode ser apagada com meia dúzia de lamúrias proferidas em tom de prece? Era preciso que eu não tivesse um pingô de vergonha e dignidade. E eu tenho, ouviu, mozinho? Eu tenho. (Elevando mais a voz) Você não saiu a mim e nem à sua mãe que era uma mulher digna, como poucas. Não quero conversa com você. Retire-se da minha presença, vamos!

RODRIGO - (FIRME) Não, papai!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL SECA.

PETRONIO - O que?! Atreve-se a contrariar-me?! (GRITANDO) Sália da minha presença, não ouviu?

RODRIGO - Ouvi, mas não quero obedecer e vou ficar.

TÉCNICA - (REPETE A VERGASTADA ANTERIOR)

RODRIGO - E vou ficar, porque preciso lhe dizer umas tantas coisas.

PETRONIO - Rodrigo, aqui dentro mando eu; não sei se você está lembrado.

RODRIGO - Não interessa quem mande. Interessa que com a sua irredutibilidade, o senhor está fazendo a infelicidade de uma família inteira e ainda a de uma moça inocente que, pelo seu afeto por mim, foi também envolvida na questão e está sofrendo consequências injustamente. Muito mais por ela e por dona Eugênia foi que me resolvi a vir à sua presença, apelar para a sua serenidade e o seu bom senso, mas parece que o senhor ainda está cego pelo ódio que o envolveu naquele momento em que se julgou traído e não existe no seu coração outro sentimento que não seja a vingança injusta e mesquinha. Faça o que bem entender, mas não se queixe da vida, mais tarde, dizendo que ela foi madrasta com o senhor e que o deixou envelhecer sósinho, sem a companhia de ~~XXX~~ esposa e o carinho dos filhos. O senhor é que não quiz nem uma coisa, nem outra, Escorraçou-os e ainda cobriu de lama e de vergonha o nome da família que eles tanto se empenhavam em dignificar. E que Deus tenha pena do senhor no momento em que o chamar para o ajuste de contas. Só então irá compreender a clamorosa injustiça que praticou e a miséria a que reduziu a sua vida que poderia ter sido de amor... de aconchego e de ternura!

C/REGRA - PASSOS FIRMES E PORTES QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E BATE PORTE, EM/ 2º PLANO. BATE SINTINHA DE CHAMADA EM 1º PLANO, OU CIGARRA QUE SOA EM 3º PLANO, PARA CHAMAR, NA OUTRA SALA A SECRETÁRIA.

PETRONIO - Preciso ter uma conversa com a minha secretária. Não posso saber como foi que ela deixou Rodrigo entrar, sabendo, de antemão, que eu não desejava recebê-lo. Ela, agora, vai ter que me explicar porque fez isto.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE, AFASTADA E FECHA.

CLAUDIA - (2º PLANO) Dá licença, seu Petrônio.

PETRONIO - Venha cá.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM, NERVOSOS.

PETRONIO - Foi você que deixou meu filho entrar; não é verdade?

CLAUDIA - Fui, seu Petrônio.

PETRONIO - Mas eu já não lhe tinha dado ordens expressas em contrário?

CLAUDIA - Tinha, sim senhor.

PETRONIO - Mas então de que maneira explica a sua desobediência?

CLAUDIA - Seu Petronio... eu não lhe desobedei... foi o seguinte... Ele chegou de grandes óculos escuros, a voz sombria... soturna... Eu estava conferindo com grande atenção umas faturas... não me fixei muito nele. Perguntei o nome para anunciar, êle me disse que o senhor não o conhecia... Quando êle ia entrando no seu gabinete, foi que por acaso eu me fixei nele e o reconheci. Fiquei nervosissima, mas já não havia mais tempo para fazê-lo voltar. O senhor me desculpe e esteja certo de que eu não faria isto por gosto.

PETRONIO - Está bem, mas agora já sabe como proceder, no futuro. Não quero esse rapaz dentro do meu gabinete de trabalho, por motivo algum dêste mundo. Ele não me merece confiança e eu não posso tolerar a sua presença. Entendido?

CLAUDIA - Sim, seu Petrônio. Entendido.

PETRONIO - E agora telefone para a casa de minha sogra, ~~EXPLIQUE~~ como se fôsse uma amiga de Jussara e chame-a ao telefone. Quando ela atender, eu falarei.

CLAUDIA - Sim senhor.

C/REGRA - DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - SOBE A CORTINA MUSICAL, EM MEIO DA LIGAÇÃO DO TELEFONE.

ARABELA - Quer dizer que teu pai não quiz te ouvir? Por que te recebeu, então?

RODRIGO - Porque não sabia que era eu. Combinei com a secretária dele de não dar o meu nome.

ARABELA - Não o terás surpreendido num dia ruim?

RODRIGO - Não, vóvó. Papai inundou de tal forma o seu coração de ódio que não resta mais lugar para nenhum outro sentimento. E o pior, é que vai deixando a marca do seu ódio em todos quantos o rodeiam. Na senhora, em mim, em dona Eugênia, em Leila e até no inocente Luizinho, filho de um amor tão sincero e tão puro, é tido, por ele, como produto de um infame pecado. Pensei que pudesse sucedê-lo e acordá-lo, depois de haver serenado um pouco o seu espírito, mas infelizmente o ódio está de tal forma arraigado no seu coração, que todo o esforço para voltar a humanizá-lo, tem resultado perdido. E só nos resta enfrentar a luta, até que um dos contendores se ja abatido pelo outro.

ARABELA - Não, meu filho, eu ainda pretendo fazer a minha tentativa. Quando mais não seja, para dizer-lhe, também algumas verdades.

RODRIGO - Posso garantir-lhe que terá o mesmo resultado que eu, ou seja, nenhum.

ARABELA - Não importa. Ainda assim eu gostarei de tentar. E depois, eu estou numa situação muito delicada com sua noiva. Tenho que dar um desfecho qualquer àquele início de comédia, mas que desfecho será esse se não tenho quem substitua o cretino do Luiz Henrique?

RODRIGO - Eu sempre lhe disse que a cara dele não me inspirava confiança, a senhora deve de se lembrar.

ARABELA - Lembro-me, sim, mas a quem poderia eu recorrer, si ele era o único cretino que eu conhecia? Estava, justamente, na medida que eu necessitava. O pior foi ter começado a representação e deixá-la pela metade quando o público mais desejava conhecer o seu epílogo. Aquele, também, um dia, eu vou ter que acertar contas com ele. É só achar quem me leve à sua casa.

RODRIGO - Eu já não me ofereci para ir com a senhora ao encontro dele, porque tenho medo de exaltar-me e botar todo o caldo a perder. Si ele disser qualquer coisa que me desagrade, sou capaz de reduzi-lo a frangalhos.

ARABELA - Não, não... assim não vale a pena. Um escândalo, para ele, é propaganda em torno do seu nome opaco e sem nenhum valor. Para nós é um escândalo mesmo que poderá abalar, até, o prestígio do nosso nome, bem como as nossas relações em sociedade.

RODRIGO - Bem... lá isso é verdade. Ele não tem grande coisa a perder.

ARABELA - Você vai hoje em casa de sua noiva?

RODRIGO - Penso que sim. Por que?

ARABELA - Telefone-me, depois, para me dizer como é que está o ambiente. E si elas perguntarem qualquer coisa à respeito do médico, você diga que ele conti

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) nua ausente, tratando a mãe que parece estar à morte.

RODRIGO - É a mãe, ou a irmã? Parece-me que se disse que era a irmã.

ARABELA - Eu mandei que você dissesse a mãe, mas se você disse a irmã, agora não convem trocar. Deixe a irmã mesmo.

RODRIGO - Está bem, vóvó, eu vou andar.

ARABELA - Vá, meu filho. Vá e leve um beijo meu à sua noiva. (tom de graça) Se não for muito sacrifício para você dar um beijo nela.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Peço-lhe que me desculpe, se não pude atender antes ao seu chamado, mas meu filho tem estado febril e eu não tenho podido me afastar da cabeceira dele.

MARINA - Que tem êle? Está com gripe?

EUGENIA - Não, não... está me parecendo qualquer coisa de intestinos. Ele não anda bem já há alguns dias.

MARINA - Eu senti isto e foi exatamente por essa razão que mandei chamá-la. A senhora precisa tomar uma resolução qualquer, antes que seja tarde.

EUGENIA - Mas que resolução pode ser essa?

MARINA - A única que será capaz de salvar os seus filhos: o que já nasceu e o que está para nascer.

EUGENIA - E essa resolução qual é?

MARINA - Eu já lhe disse, quando da primeira vez que esteve aqui. Fugir para bem longe de seu marido e levar as crianças.

EUGENIA - Fugir de meu marido? Mas como fugir, se eu o amo?

MARINA - Não será uma fuga para sempre. Será por algum tempo até que o ódio tenha serenado no seu coração. Por ôra êle ferve e exige alguém sôbre quem deparar-se. Enquanto a situação estiver assim, seus filhos correm um risco muito grande.

EUGENIA - Parece-lhe?

MARINA - Tenho certeza absoluta e já tive ocasião de dizer-lhe isto. Se não quiz dar ouvidos às minhas palavras, não se queixe, depois, que faltou quem a avisasse. A senhora está responsável pela vida dessas crianças, veja bem.

TÉCNICA - ACORDE TIPO LAMBADA MUSICAL

EUGENIA - Mas o que?! Eles estão correndo risco de vida?

MARINA - De vida, sim senhora. Talvez ainda esta semana se dê o primeiro atentado contra o primeiro.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

EUGENIA - Atentado?! Meu Deus! Mas quem fará esse atentado?

MARINA - Não posso lhe dizer.

EUGENIA - Mas deve me dizer, para que eu me precavenha com quem fôr.

MARINA - Há coisas que não podemos desvendar, outras que não nos permitem revelar. Eu vejo, claramente, que seu filho sofrerá um atentado executado por uma mulher, a mando de um homem, mas não tenho autorização para lhe dizer quem é essa mulher e quem é esse homem.

EUGENIA - Nesse caso terei que precaver-me contra todos.

MARINA - Nesse caso terá que se afastar de todos, o quanto antes. Vá para bem longe, não diga para ninguém o lugar que escolheu para se refugiar, e quando chegar o momento de vir novamente para cá, há de receber o aviso, da mesma maneira como lhe foi dado agora. Entendido?

EUGENIA - Sim, sim, mas... eu ainda não posso lhe dizer que vá... preciso primeiro habituar-me à ideia, para depois executá-la.

MARINA

~~EUGENIA~~ - Pois então trate de habituar-se enquanto é tempo. Se demorar muito, talvez seja tarde demais!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE.

EUGENIA - Eu precisava ganhar tempo... ~~eu~~ não posso resolver uma fuga, como esta, de um dia para outro, não posso!...

MARINA - De um dia para outro não é bem o caso. A senhora já foi advertida dessa necessidade, desde a primeira vez que veio aqui.

EUGENIA - Bem, mas... a senhora não me disse que meu filho corria risco de vida.

MARINA - Porque não me foi permitido dizer-lhe. Agora, diante da sua teimosia em ficar, é que fui autorizada a ~~fixar-lhe~~ falar mais claro.

EUGENIA - Eu não sei, francamente... uma coisa assim, desorienta a gente... A senhora já pensou no transtorno que vai ser para mim fugir para longe? Deixar a minha casa, o meu conforto e viver de que?

MARINA - A senhora levaria o que pudesse. Tem conta no banco, tem jóias. Jóias valem dinheiro.

EUGENIA - Mas não acho direito proceder dessa forma. Parece-me roubo. Afinal a conta que tenho no Banco foi aberta por êle, as jóias compradas por êle. Penso, até, que seria o caso dele denunciar-me e a polícia sair a perseguir-me.

- MARINA - Ele não fará isto. Vejo aqui que não fará. E a senhora vai ser bem sucedida, longe. Pode levar essa convicção.
- EUGENIA - Bem, vamos esperar um pouquinho mais. Eu vou ver se tenho forças para agir da maneira como a senhora me aconselha.
- MARINA - Não, não, minha amiga, não confunda. Quem sou eu para aconselhar alguém, principalmente n^o caso como este, em que está em jogo a vida de uma criança? Eu apenas repito o que vejo, pela graça que me é concedida.
- EUGENIA - Por exemplo... eu não poderia ir sósinha, de maneira alguma. Teria que levar comigo a ama do menino.
- MARINA - Espere um pouco. Deixe-me receber a imagem dela... (PAUSA LONGA) É boa mulher. De nobres sentimentos. Muito sua amiga.
- EUGENIA - Muitíssimo.
- MARINA - Pode levá-la.
- EUGENIA - Está vendo? Isso já me anima muito mais. Sósinha, eu penso que não iria.
- MARINA - Espere... (PAUSA LONGA) A outra, a que esteve aqui, antes da senhora...
- EUGENIA - Eu sei. Catarina.
- MARINA - Essa não deve saber de nada, absolutamente nada, a respeito do plano de fuga, nem da conversa que estamos tendo hoje.
- EUGENIA - Compreendo. Tereza sempre diz que não confia nela.
- MARINA - É muito interesseira e muito nova, na casa, para lhe dedicar amizade.
- EUGENIA - De fato. Faz pouco mais de quinze dias que está conosco. É simpática... prestativa... amável...
- MARINA - Mas não convem confiar de mais. Confiar, desconfiando, como diz o ditado. (PAUSA) Bem, eu ainda teria algumas coisas para lhe dizer, mas a senhora está sendo esperada em casa, convem que vá andando.
- EUGENIA - Sim senhora. Eu já estava mesmo aflita para ir.
- MARINA - E não esqueça, hein? Silêncio absoluto sobre a conversa que tivemos aqui, porque isso é muito importante.
- EUGENIA - Pode estar descansada, Madame. Então muito obrigada...
- C/ REGRA - RUIDO DE ABRIR CADEIRA PARA LEVANTAR. PASSOS EM 1^o PLANO, C/ O DIÁLOGO
- MARINA - Não me agradeça. Eu já lhe disse que não sou mais que uma intermediária e que os avisos e conselhos não são meus.
- EUGENIA - De qualquer forma. A senhora é tão paciente... tão amável...
- MARINA - Faço a minha obrigação.
- EUGENIA - Adeusinho.
- C/ REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA DA RUA.

TÉCNICA - ENTRAM RUIDOS DE RUA, ENQUANTO A PORTA ESTIVER ABERTA.

MARINA - Adeusinho, dona Eugênia. Vá com Deus.

EUGENIA - (2º PLANO) Onde é o ponto de taxi mais próximo?

MARINA - Naquela esquina.

EUGENIA - (2º PLANO) Obrigada, Adeusinho.

C/REGRA - FECHA A PORTA DA RUA.

TÉCNICA - AO MESMO TEMPO RETIRA OS RUIDOS DE RUA.

MARINA - Puxa vida! Essa mulher dá trabalho pela teimosia em obedecer. Mas desta vez ela saiu bem assustada. Se não sair esta semana, não sairá nunca mais! Catarina é que vai ficar num desaponto total, porque vão ruir por terra todos os seus planos. Mas havia de ter muita graça que eu fôsse deixar de trabalhar para mim, para trabalhar pra ela!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE EFEITO.

PETRONIO - Catarina, você está perdendo tempo, Catarina. Não vi, até hoje, nenhum resultado prático da sua missão em nossa casa.

CATARINA - Seu Petronio, eu não posso agir como criança. Sou uma mulher madura, com perfeito conhecimento da vida e das coisas que faço. Não posso deixar que me peguem em flagrante. Tenho que preparar o ambiente, o espírito das pessoas que me rodeiam, conquistar a confiança e a estima de todos, para afastar de mim qualquer suspeita.

PETRONIO - Mesmo assim você já podia ter feito isto. Faz mais de quinze dias que está conosco.

CATARINA - E o senhor acha que esse tempo é suficiente? Não, seu Petrônio, é muito pouco. E depois tem lá aquela maldita velha que não me afrouxa.

PETRONIO - E por que você não dá, logo, um jeito nela? Se está atrapalhando e impedindo os nossos planos, afaste-a de nosso caminho, a qualquer preço.

CATARINA - Já está incluído no meu plano o seu afastamento, mas só se for absolutamente necessário, do contrário prefiro deixá-la por lá.

PETRONIO - O que é que você tem feito, afinal? Até agora ainda não vi nada de positivo. Só escuto você dizer; "espere mais um pouco", "espere mais um pouco", eu vou esperando, vou esperando e até hoje nada.

CATARINA - Estou preparando dona Eugênia, psicologicamente, para o que o senhor quer que ela faça. E devo lhe dizer que já sinto muito mais tênues as suas reações. Já não fica vermelha e indignada, como antes. Se não fôsse o tal de Padre Crispim, a quem ela ouve e respeita, vou lhe dizer que já estávamos livres de um há muito tempo. O Padre é que está atrapalhando.

- PETRÔNIO - Dizem que todas as crianças têm um anjo de guarda que os segue e que os livra. O de Luisinho é a velha Tereza e o do outro, que ainda não nasceu, é o Padre Crispim. (ruído) Sacripanta.
- CATARINA - O senhor não poderia exigir de sua esposa o afastamento da velha Tereza?
- PETRÔNIO - Sob que alegação?
- CATARINA - Nenhuma. Eles dizem que o senhor é louco... diga que cismou com a cara dela.
- PETRÔNIO - SOTURNO) Acho que se Tereza saísse de nossa casa... Eugênia seria bem capaz de sair com ela.
- CATARINA - E o senhor não quer que ela saia?
- PETRÔNIO - Para ser feliz longe de mim? Nunca. Ela há de viver o resto da sua vida debaixo do meu controle, para sofrer cada dia e cada hora que viva. Eugênia leva, na própria carne, a marca do meu ódio que há de ser eterno!
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE EFEITO SOMBRIO.
- LEILA - Eu estava aflita que você chegasse, para pedir-lhe perdão de ter duvidado de você, querido!
- TÉCNICA - ACORDE QUE REPLITA SURPREZA TOTAL
- RODRIGO - Leila! Pedir-me perdão, você? Que aconteceu?
- LEILA - Eu tenho receio de contar-lhe o que se passou e por isso peço-lhe que ~~mas~~ apenas pense no seguinte: que eu agora confio em você e que estou imensamente feliz!
- RODRIGO - Leila, meu amor, parece que uma varinha mágica andou tocando o seu coração. Conte-me o que aconteceu. Prometo que não me xangarei com você.
- LEILA - A conselho de Belmira, procurei dona Eugênia.
- RODRIGO - Mas procurar dona Eugênia por que? Que lhe poderia ela dizer, mais do que eu já lhe havia dito?
- LEILA - Belmira me fez ver o seguinte: que se ela o amasse, não poderia ver com bons olhos o nosso casamento e treteria de afastar-nos. E se procedesse em contrário, é porque nada havia, realmente, entre vocês.
- RODRIGO - E que ausências ela fez de mim?
- LEILA - As melhores possíveis. Ela o quer muito, a gente vê. Admira-o de coração, mas é uma mulher honesta e está presa ao marido por um amor tão grande que nem a clamorosa injustiça que ele fez contra ela foi capaz de fazer com que esse amor se apagasse.
- RODRIGO - Eu sempre disse a você exatamente isto; não foi?
- LEILA - Foi, querido, mas você sabe o que é o coração da mulher.

RODRIGO - Confia sempre, mas... de confiando.

LEILA - Exato. Você me perdoou, meu amor? Perdoou?

RODRIGO - Você não teve culpa do que sentiu, querida. Eu só lamento que não tivesse se lembrado de fazer isto antes, porque então não teríamos vivido tantos dias de dúvidas e desencantos.

LEILA - Mas agora buscaremos rehavê-los, duplicando o nosso amor e a nossa fé um no outro.

RODRIGO - E sua mãe? Continua esperando o doutor Henrique?

LEILA - Continua.

RODRIGO - Isto é que é pena, porque vóvó recebeu aviso, hoje, de que ele não virá tão cedo. Parece, até, que está inclinado a ficar morando por lá.

LEILA - Mãe dará um jeito de ir procurá-lo. Você não a conhece.

RODRIGO - Foi uma pena esse transtorno, justamente na hora em que mais precisávamos dele.

LEILA - Não tem importância, querido. Agora seremos dois a lutar pela mesma causa e isto já nos dá muito maior esperança na vitória.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ~~delicada e amorosa~~ DELICADA E AMOROSA. FUNDE COM MÚSICA TÉTICA E MISTURA O BATER DE UM RELÓGIO - QUATRO BADALADAS. MUSICA EM BG.

C/ REGRA - RUIDO DE DEIXAR CAIR UM OBJETO PEQUENO NO CHÃO

TEREZA - (ASSUSTADA, MAS CONTENDO-SE) Quem está aí? (PAUSA) Quem está aí, não ouviu?

C/ REGRA - RUIDO DE LIGAR CHAVE DE LUZ

TEREZA - Ué!... A luz não acendeu! Estará desligada? Mas eu devo ter aqui na gaveta vela e fósforos.

C/ REGRA - RUIDO DE GAVETA PEQUENA QUE SE ABRE. PAUSA. RUIDO DE FOSFOROS.

TEREZA - (NA PAUSA) Estão aqui. (SUSTO, ESTREMUNHADA, FAZENDO FORÇA PARA FALAR) Han? Quem é? De quem são estas mãos? (LUTA) Largue-me! Largue-me! (GRITO MEIO SUFOCADO) Socorro!... Socorro!...

TÉCNICA - SOBE A MUSICA TÉTICA EM FUNDO E FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA FUNDE COM MUSICA TÉBRICA QUE CAI B/G.

C/ REGRA - RUÍDO DE DE DEIXAR CAIR UM OBJETO PEQUENO NO CHÃO.

TEREZA - (ACORDANDO-SE, ASSUSTADA, MAS CONTENDO-SE) Quem está aí? (PAUSA) Quem está aí, não ouviu?

C/REGRA - RUÍDO DE LIGAR CHAVE DE LUZ.

TEREZA - Ué!... A luz não acendeu! Estará desligada? Mas eu devo ter aqui, na gaveta, vela e fósforos.

C/REGRA - RUÍDO DE GAVETA PEQUENA QUE SE ABRE. PAUSA. RUÍDO DE FÓSFOROS.

TEREZA - (NA PAUSA) Estão aqui. (SUSTO, ESTREMUNHADA, FAZENDO FORÇA PARA FALAR) Han? Quem é? De quem são estas mãos? (LUTA) Largue-me! Largue-me! (GRITO MEIO SUFOCADO) Socorro!... Socorro!... (VAI PERDENDO A FORÇA) Socorro!... Socorro!... (DESPALECENDO) Soco...

EUGENIA - (3º PLANO) Tereza, que há com você?

C/REGRA - RUÍDO DE LARGAR CORPO NA CAMA. PASSOS ABAFADOS QUE SE AFASTAM.

EUGENIA - (2º PLANO) Tereza, eu ouvi mal, ou você estava gritando por socorro?!

C/ REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

EUGENIA - E ainda por cima estamos sem luz. Tive que acender uma vela. (SUSTO) Tereza!...

TÉCNICA - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO.

EUGENIA - Tereza, que horror! Que aconteceu com você, Tereza? (gritando) Catarina! Catarina, depressa! Socorra aqui. No quarto de Tereza, venha logo. (Pausa) Coitada de Tereza! Terá morrido? Apertaram-lhe o pescoço com tal força que os dedos ficaram marcados. (gritando forte) Catarina, por favor. Venha depressa aqui no quarto de Tereza. Ela está morta ou desmaiada, sei lá...

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM RAPIDOS.

CATARINA - (CONVINCENTE, PARA CONFUNDIR) Que aconteceu? Pareceu-me ouvir gritos de socorro. Foi a senhora, dona Eugê... (CORTA. TRANSIÇÃO) Meu Deus!... Que foi isto?

EUGENIA - Não sei, mas não podemos perder tempo. Telefone imediatamente ao doutor Cícero e peça-lhe que venha cá, imediatamente. Diga-lhe que aconteceu uma coisa horrível aqui em casa.

CATARINA - Sim senhora, mas e o número dele?

EUGENIA - Está naquela papeleta que tem os números de todos os chamados de urgência, na gavetinha da mesa do telefone. Anã, Catarina, não perca tempo.

CATARINA - Sim senhora, vou chamá-lo imediatamente.

EUGENIA - E enquanto isto, vou tentar uma massagem no peito de Tereza para ver se ainda há tempo de reanimá-la.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA - BATE CINCO BADALADAS ESPAÇADAS, LONGE.

EUGENIA - Cinco horas da manhã, o doutor não vem e ela continua desacordada.

CATARINA - É verdade, o médico está demorando. Vou telefonar novamente para a casa dele. Pode ser que tenha dormido novamente.

EUGENIA - Não creio. Prefiro acreditar que o seu automóvel tenha enguiçado e que ele não encontre um táxi, lá onde mora. Sempre atendeu rapidamente a qualquer chamado nosso.

CATARINA - Em todo o caso, não custa repetir o chamado.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SOMEM.

EUGENIA - Não sei o que é que possam adiantar essas compressas de vinagre que Catarina está botando no pescoço dela. Sempre ouvi dizer que vinagre é para apagar as marcas de sangue machucado. Pica um cheiro tão desagradável... acre... forte... Talvez fôsse bom para fazer com que ela voltasse a si, se é que está desmaiada. Vou experimentar. Não custa. (PAUSA) Mais forte do que o cheiro desse vinagre, só amoníaco. (Pausa) Ué... Ela moveu as pálpebras, ou foi impressão minha? (PAUSA) Não, não... não foi impressão, não. Parece que ela está voltando! Que bom, meu Deus! Ajudai-nos! Que ela não esteja morta. Que consigamos salvá-la!...

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM

EUGENIA - Catarina, ela está voltando a si, veja. Apliquei-lhe o vinagre nas narinas e logo em seguida ela deu sinais de vida.

CATARINA - O doutor não atendeu. O telefone chamou... chamou... chamou... e nada.

EUGENIA - Já deve ter saído. Com certeza o carro enguiçou. Pegue o álcool e esfregue num dos pulsos enquanto eu esfrego no outro, para ajudar.

TECNICA - CORTINA MUSICAL RÁPIDA - SEIS BADALADAS ESPAÇADAS, LONGE.

EUGENIA - Seis horas da manhã e o doutor nada!

CATARINA - Mas agora nem parece mais preciso. Depois do cafésinho, até as cores voltaram.

EUGENIA - Catarina, que horror! Com o susto de ver Tereza quasi morta, esqueci de mandar revistar a casa. Quem fez isto, deve estar por aí escondido.

CATARINA - Não está, não. A senhora pensa que eu durmo no ponto? Antes de telefo-

- CATARINA - (CONT.) nar para o doutor, examinei peça por peça. A pessoa que fez isto, deve ter chave da porta da frente porque eu a fechei quando me dei-tei e ela agora estava só com o trinco.
- EUGENIA - Ela estava fechada com a chave, mesmo. Eu sempre examino, antes de me deitar e vi. Que horror, Catarina! Vamos ter que dar parte à polícia.
- CATARINA - Pensa que vai adiantar alguma coisa? A polícia vai fazer um estardalhaço e no fim não vai descobrir nada. Vai ficar tudo no mesmo.
- EUGENIA - Mas nós não podemos deixar isto assim, Catarina. Precisamos tomar qual-quer providência.
- CATARINA - Claro que precisamos, mas para surpreender o criminoso numa segunda in-vestida.
- EUGENIA - E tú pensas que eu tenho corágem para tanto?
- CATARINA - Se a senhora não tem, tenho eu. É só mudar-me de quarto, botar-me mais aqui perto e pode ficar descansada.
- EUGENIA - Quem poderá ter a chave de nossa casa, além de meu marido?
- CATARINA - Sabe-se lá? Quem nos diz que ele não se tenha metido em algum pagode, por aí e não lhe tenham roubado a chave? Sabendo onde êle mora, não se-ria difícil virem cá.
- EUGENIA - Talvez então fôsse bom contar a êle o que aconteceu. Só assim talvez êle desistisse de dormir tantas noites fora, como faz, seguidamente.
- CATARINA - A senhora quer um conselho meu? Não fale nada a êle. Para um homem que já suspeita de sua mulher, dizer-se que um outro homem entrou na sua ca-sa com a chave da porta da rua... parece-me que seria agravar muito ma-is a situação; não lhe parece?
- EUGENIA - É, sim, Catarina, tú tens razão. Acho que a solução que nos resta é ficarmos quietas e esperarmos.
- CATARINA - Veja! As manchas do pescoço de dona Tereza, apagaram-se completamente. Já não se nota mais nada. Não precisamos dizer ao médico sinão que ela ~~teve~~ ^{levou} um grande susto e perdeu os sentidos.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA. - OITO BADALADAS LONGE.
- CICERO - Interessante... a senhora sabe que eu até estou impressionado com isto?
- EUGENIA - É, doutor?
- CICERO - Claro! Pois eu não me lembro, absolutamente, de ter atendido o telefo-ne esta madrugada e menos, ainda, de haver prometido vir à sua casa qu-seguinte. Quando chegar lá, vou até perguntar à minha senhora se foi ela que atendeu e esqueceu-se de chamar-me.

EUGENIA - E depois Catarina voltou a telefonar, penso que passada mais de uma hora, o telefone chamou, chamou e ninguém atendeu.

CICERO - Bem, isso ainda se pode explicar ligando um número e o telefone indo chamar n'outro muito diferente. Se ligou para um escritório, por exemplo, ninguém atende.

EUGENIA - Mas voltando ao assunto da enfermidade de Tereza, o senhor acha que não tem nenhum perigo de vida?

CICERO - Bem... quer dizer... o coração dos velhos é sempre uma interrogação. Nunca se pode garantir muito por eles, mas com a coramina e o repouso absoluto até amanhã de manhã, eu creio que já possa estar refeita do susto que levou.

EUGENIA - Obrigada, doutor.

CICERO - Óra, vamos, dona Eugenia, por favor! Eu só peço é que desculpe a minha falta involuntária. Eu não deixaria, nunca, de atendê-la.

EUGENIA - Eu sei, doutor. Sempre foi assim, por que não seria hoje?

CICERO - Então se voltar a precisar de mim, o que não acredito, todo o resto da manhã devo estar em casa e depois, à tarde, no consultório, até às dez e trinta. É só telefonar que num momento estarei aqui.

EUGENIA - Obrigada mais uma vez, doutor.

CICERO - Boa tarde, dona Eugênia.

EUGENIA - Boa tarde, doutor.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM.

EUGENIA - (PROJETANDO) Catarina, acompanha o doutor Cicero até à porta, por favor. Eu vou ficar aqui com Tereza. (PAUSA. TOM) E então, Tereza, sente-se e me lhor agora? O doutor disse que você vai ficar boa logo.

TEREZA - (PRACA, OFEGANTE) Estou... melhor... sim... mas foi horrível!... Foi horrível... (CHOROSA) Aquelas mãos... geladas... apertando-me... o pesoço... sufocando-me... cortando-me o ar...

EUGENIA - Vamos, vamos, Tereza. Não pense mais nisto e trate de esquecer. Tem que ficar boa, agora, para tornar a tomar conta do Luizinho.

TEREZA - (AFLITA) Sim... sim... o Luizinho... Não deve... entregá-lo... a ninguém... Tenha muito... cuidado com ele... dona Eugênia.

EUGENIA - Não se preocupe, ele está constantemente vigiado por mim. Diga-me Tereza, você gostaria de irmos embora desta casa, para bem longe, onde ninguém soubesse do nosso paradeiro? Gostaria?

TEREZA - Gostaria, sim... gostaria... Tenho... muito medo... de Luizinho... aqui.

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) Muito medo... muito medo...

EUGENIA - Pois então acalme-se e trate de se refazer, que assim que você estiver forte vamos ~~xxxx~~ tratar da mudança. Mas você não fale nada a ninguém, por óra, ouviu bem?

TEREZA - Ouvi, sim senhora... ouvi... Cuidado... também a senhora... com Catarina.

EUGENIA - Por que? Você sabe alguma coisa dela ou são apenas aquelas suas antigas desconfianças?

TEREZA - Eu não posso... dizer nada... com certeza... mas ninguém me tira... da cabeça... que ela tem parte... nesta história toda... Sabe por que?

EUGENIA - Por que? Diga.

TEREZA - Porque as mãos... que me apertavam... a garganta... eram mãos... de mulher, ~~xxxxEugênia~~

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

EUGENIA - Tereza! Não é possível! Você deve estar enganada!...

TEREZA - Não estou, não... dona Eugênia... As mãos... que me apertavam... a garganta... eram mãos... de mulher, sim senhora!

TÉCNICA - ENTRA SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE, PARA FIM DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ENTRA MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE.

EUGENIA - Tereza, não é possível! Você deve estar enganada!...

TEREZA - Não estou, não, dona Eugênia... as mãos... que me apertavam... a garganta... eram mãos de mulher... tenho certeza!...

EUGENIA - Mas quem poderá ter sido? A cosinheira?... A copeira?... A lavadeira?...

TEREZA - Acho... que nenhuma... dessas... que a senhora citou...

EUGENIA - Mas então, quem, Tereza? Diga. De quem você desconfia?

TEREZA - Se foi... gente... de dentro... de casa... só pode... ter sido... ela.

EUGENIA - Mas, ela quem, Tereza? Ajude-me, por favor! Eu estou tão confusa...

TEREZA - Só pode ter sido... Catarina.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

EUGENIA - (Assombrada) Não pode ser, Tereza... não pode ser...

MARTINA - (VOZ DE SOPRO) A outra, a que esteve aqui antes da senhora, não deve saber absolutamente nada, a respeito do seu plano de fuga, nem da conversa que estamos tendo hoje. É muito interesseira e muito nova na casa para lhe dedicar amizade.

EUGENIA - Bem, Tereza, não vamos precipitar julgamentos, por óra, para não fazer injustiças que Deus não gosta. Vamos aguardar... e observar. Agora você

EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) procure se desligar do acontecido, para poder repousar convenientemente. E não precisa ter nenhum receio pelo menino ou mesmo por você, porque eu estarei vigilante. Vou trazer o menino dali para cá, esta noite, e dormiremos os tres aqui.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

PETRONIO- Pela sua agitação, cheguei a pensar que vinha me fazer a comunicação de que tudo estava arranjado e afinal permanece tudo como antes. Apenas voce tentou enganar a velha e não conseguiu. Agora, então, é que tudo vai ficar mais difícil.

CATARINA- Já pensei num outro plano diferente, mas preciso que o senhor me ajude.

PETRONIO- Qual é o plano e o que é que você quer?

CATARINA- O plano não vou lhe dizer agora, só depois de executado, mas o que quero é que o senhor me compre uma boa dose de narcótico, para que eu possa agir sem o perigo de ser surpreendida, como quasi fui a noite passada.

PETRONIO- O máximo que posso fazer, neste caso, é dar-lhe o dinheiro para comprar o narcótico. Expor-me a ir numa farmácia comprar, para mais tarde ser reconhecido pelo farmacêutico, não me convem. Vá você mesma, ou mande alguem. Pegue um ônibus ou um trem, vá a uma farmácia de subúrbio que já não corre esse risco. Quanto imagina que possa custar?

CATARINA - Não tenho a menor ideia. Mas não deve ser barato, não.

PETRONIO - ~~Quanto~~ Quanto é que você quer levar? Cinco mil? Dez mil? Diga aí qualquer importância para eu poder ter uma ideia.

CATARINA- Acho que levando dez mil cruzeiros eu compro a quantidade que quero e ainda trago troco.

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) Pronto, aí tem. Cinco... e cinco dez. E agora veja se conversa menos e age mais. Estou louco para ver minha vingança realizada. A espera está me deixando nervoso. Há noites que nem posso dormir.

CATARINA - Si eu precisar do auxílio de mais uma pessoa, a quem lhe parece que deve recorrer? Jussara não me parece suficientemente ativa, nem inteligente. Para meter uma outra pessoa no brinquedo, já estaríamos a correr um risco bastante maior. O senhor não conhece ninguém?

PETRONIO - Estou pensando... (Pausa) Espere. Lembrei-me de um cidadão que poderá servir. É tão covarde... tão medroso... que uma simples ameaça já o inobiliza. Era amigo de minha sogra, mas brigaram depois que ele se negou, por imposição minha, a passar por médico e atestar minha insanidade mental para a mãe da noiva de Rodrigo. Vou lhe dar o endereço d'ele e na ocasião você irá procurá-lo.

CATARINA - Vou procurá-lo antes, que é para estabelecer contato com êle e ver até que ponto poderei contar com o seu auxílio.

PETRONIO - Então vá. Aqui tem o endereço, no mesmo papel em que me foi dado.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Parece a letra de Jussára.

PETRONIO - E é mesmo. Foi elê que me conseguiu o endereço dele com minha sogra.

CATARINA - Pois então amanhã, já irei lá fazer-lhe uma visita.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Como é que ela está hoje, doutor Cícero?

CÍCERO - Já está bem. Amanhã dou-lhe alta do repouso a que a sujeitei, durante três dias. Já poderá trabalhar, sem forçar muito, já se vê, que é justamente para se distrair e não pensar tanto no que aconteceu.

EUGENIA - Todos os dias eu digo isto para ela, mas ela diz que não consegue esquecer. Compreende-se. Na idade dela, um choque como o que teve...

CÍCERO - O que eu não compreendo é que não tenham dado parte à policia.

EUGENIA - Para evitar o escândalo e, em consequência, as suposições errôneas de ê meu marido. O senhor já pensou no que êle seria capaz de imaginar?

CÍCERO - Tem razão... tem razão... eu não me lembrava desse detalhe. Fez bem, realmente. Fez muito bem. E depois a gente nem sabe se adiantaria alguma coisa, não é mesmo?

EUGENIA - Foi isso, também, que nós pensamos.

CÍCERO - Bem, dona Eugênia, eu vou andando e se precisar de mim...

EUGENIA - (CORTA) Um momento, doutor, eu queria lhe fazer uma pergunta. Nós talvez tenhamos que fazer uma viagem longa... quantos dias, ainda, lhe parecem necessários, para que Tereza possa estar em condições de enfrentar alguns quilômetros de estradas?

CÍCERO - Acho que em mais uma semana ela poderá estar pronta para o que der e vier

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

PETRONIO - Conseguiu encontrar o homemsinho que lhe indiquei?

CATARINA - Consegui, mas não me serve. O homem é um poltrão. Nunca vi ninguém tão medroso na minha vida. Quando lhe disse que ia a mandado do senhor, o homem ficou tão pálido e tão trêmulo, que eu cheguei a pensar que êle fôsse cair. Foi preciso que eu lhe dissesse que o senhor não era nenhum bicho papão, para êle se acalmar um pouco.

PETRONIO - Ele ficou apavorado quando eu comecei a fazer-lhe ameaças. No fundo eu chegava a ter vontade de rir, tanto o homem se acovardou.

CATARINA - Um homem assim não serve para nada. Vou procurar uma amiga ~~minha~~, em

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) quem ~~em~~ confio bastante.

PETRONIO - Veja lá, hein? Tenha muito cuidado.

CATARINA - Não se preocupe. Ninguém pode ter mais interesse pelo meu pêlo do que eu mesma, de formas que só vou envolver neste assunto quem me mereça inteira e absoluta confiança.

PETRONIO - E o negócio aquele? Chegou a comprar?

CATARINA - Amanhã, que é o dia de minha folga. Não posso ir a um subúrbio, sem uma desculpa para a demora, si bem que quando ~~arrivaxxxx~~ chego mais tarde, entro pelos fundo e nas pontas dos pés, para que não me vejam.

PETRONIO - É uma boa tática. E por falar em chegar tarde, parece-me que hoje vai acontecer isto. Sabe que horas são?

CATARINA - Seis e meia?

PETRONIO - Que seis e meia... já passa das sete horas. São quasi sete e meia.

CATARINA - Então é agora mesmo que eu me vou. Depois de amanhã dou uma fugida aqui, para lhe trazer notícias.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Onde teria se metido Catarina? Já a procurei pela casa toda.

TEREZA - Com certeza saiu sem avisar, como é o ^{seu} costume. ~~xxxx~~ Isso é outra coisa que me força a desconfiar dela. A senhora saiu às cinco horas. Logo a seguir, ela bobu o pé na rua. Até fiquei pensando comigo mesma: será que ela não vai espiar dona Eugênia?

EUGENIA - Não acredito, Tereza. Desconfiar de mim por que?

TEREZA - Sabe-se lá. Veja a senhora: são quasi oito e meia da noite e nem sinal dela. Daqui a pouco aparece, com a cara mais deslavada do mundo e diz: (ARREMEDANDO) "São oito e meia, já? Não imaginei que pudesse ser tão tarde." Cínica. Na minha opinião essa mulher é uma boa bisca.

EUGENIA - Mas não se preocupe, Tereza. Agora nós vamos nos livrar dela, para sempre.

TEREZA - É verdade? O que foi que disse a cartomante?

EUGENIA - Deu a entender que esse atentado foi praticado por ela, mas não ^{por causa} ~~xxxx~~ de você, ~~xxxx~~ propriamente. A sua verdadeira finalidade é afastá-la de Luizinho.

TEREZA - A senhora viu? Eu não lhe dizia sempre?

EUGENIA - Aconselhou-me a fugir, antes que ela se anime a tentar o segundo. De maneiras que vamos organizar tudo que é nosso para daqui a quatro ou cinco dias tomarmos um rumo qualquer.

TEREZA - Ótimo! E para onde a senhora pensa ir?

EUGENIA - Não sei. A cartomante me disse que quanto mais longe, melhor.

- TEREZA - Eu tenho uma irmã que mora no sul, quasi na divisa com Santa Catarina. Tem uma fazendola que o marido deixou e trabalha no campo. Se a senhora quizer ir para lá, pelo menos no começo, ela vai ficar muito satisfeita porque sabe que eu vou cuidar da casa e reparar as duas meninas mais moças que ainda estão no colégio.
- EUGENIA - É...a gente pode experimentar. Eu pago uma pensão a ela...
- TEREZA - Ela é capaz de nem aceitar, mas isto se discute lá, com ela. A senhora então precisa ver o dia certo que quer ir, para separarmos a passagem no ônibus de Florianópolis. Lá a gente pega outra condução, no mesmo dia, ou no dia seguinte, se quizer descansar num hotel.
- EUGENIA - Eu ainda não sei se poderemos ir sexta ou sabado, mas de qualquer maneira a cartomante me recomendou que eu procure me livrar desta casa e das outras pessoas que moram nela, o mais tardar até domingo. Ele prevê um novo atentado para segunda ou terça feira, se permanecermos aqui.
- TEREZA - Então hoje mesmo eu já vou começar a arrumar tudo, sem que ninguém veja.
- EUGENIA - Isto mesmo. Fecha-te no quarto com Luizinho e vai arrumando as malas.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL SOTURNA E MISTERIOSA. PERMANECE EM FUNDO PARA CATARINA.
- CATARINA - Pela conversa que acabei de escutar, dona Marina traiu-me. E aconselhou dona Eugênia a fugir, afim de que o campo fique livre para ela. Mas está muito enganada, se pensa que vou me entregar facilmente! Ela vai ver, agora, o preço que lhe cobrarei pela sua traição! Não imagina de que sou capaz, e só por isso meteu-se numa empreitada como esta. Ela vai ver, agora, a minha força! Ela vai conhecer minha coragem!...
- TÉCNICA - SOBE A MÚSICA SOTURNA QUE FAZIA FUNDO AO MONÓLOGO, PARA LIGAR COM A CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.
-

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

182 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA, EMENDA COM A MÚSICA QUE SERVIU DE FUNDO AO MONÓLOGO DE CATARINA, NO CAPÍTULO ANTERIOR.

CATARINA - Pela conversa que acabei de escutar, dona Marina traiu-me. E aconselhou dona Eugênia a fugir, a fim de que ela fique com o campo livre. Mas está muito enganada, se pensa que vou me entregar facilmente. Ela vai ver, agora, o preço que lhe cobrarei pela sua traição! Não imagina do que sou capaz e só por isto meteu-se numa empreitada como esta. Pois ela vai ver, agora, a minha força! Ela vai conhecer minha coragem!...

C/REGRA - PASSO DE MULHER QUE SE APROXIMAM DESDE 3º PLANO.

CATARINA - Ai vem dona Eugênia. Preciso disfarçar.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO

CATARINA - A senhora já chegou, dona Eugênia? Como é que se foi?

EUGENIA - Muito bem, felizmente, mas cheguei e não encontrei você; onde é que foi?

CATARINA - Na farmácia da esquina buscar um digestivo qualquer, para aliviar uma dor de cabeça pavorosa. Ia agora mesmo ao seu encontro, para saber se ainda precisava de mim, ou se eu poderia deitar-me, para ver se melhora.

EUGENIA - Não, não preciso. Pode deitar-se, sim.

CATARINA - Mas antes conte-me alguma coisa interessante que a cartomante tenha dito à senhora.

EUGENIA - Alguma coisa interessante?... Deixe-me ver... Acho que não me disse nada de especial. Praticamente, repetiu as mesmas coisas do 1º dia.

CATARINA - Eu já percebi que ela gosta muito de anunciar viagens; não lhe anunciou nenhuma?

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL QUE DE A IMPRESSÃO DE UMA VERGASTADA FORTE.

EUGENIA - (um pouco confusa e desconcertada) Viagens?... Se me anunciou alguma? Deixe lembrar-me... (PAUSA) Não, não me anunciou nenhuma viagem, felizmente, porque é coisa que eu detesto sair das minhas comodidades para ir passar trabalho lá fora.

CATARINA - A senhora não gosta de viajar? Eu dou um dente.

EUGENIA - Não, não... eu detesto. Em geral os hotéis são ruins... as camas piores ainda e a comida, então, nem se fala. Não há como a tranquilidade da casa da gente, Catarina.

CATARINA - É, cada um com o seu gosto e o seu temperamento. Vai precisar de alguma coisa?

EUGENIA - Não. Eu vinha só ver se você já havia chegado. Boa noite, então e des-
canse bem.

CATARINA - Boa noite, dona Eugênia, obrigada.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO

CATARINA - Que boa bisca me ~~deixaste~~ também tú! Mas deixa-te estar que o teu dia ~~chegará~~
chegará. Quando menos esperares, ~~jogará-te-est~~ jogará-te-est ao chão com uma rasteira.
Uma por uma, vocês vão sair do meu caminho. Ora se vão!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL SOTURNA E MISTERIOSA.

ARABELA - Eu estou achando tão exqu岸ita essa demora de Catarina... Pediu-me licen-
ça por quinze dias, já faz quasi um mês que está ausente e nem sequer es-
creve, dando-me uma satisfação. Enfin... como as coisas hoje estão muda-
das e as empregadas tratam as patroas de igual para igual...

JUSSARA - Com certeza a irmã dela piorou e ela deve estar muito ocupada, sem tempo
nem para escrever um bilhetinho.

ARABELA - É, eu prefiro ~~XXXXXXXXXX~~ acreditar que seja isto.

JUSSARA - E deve ser. Com toda a certeza ela ficou com a lida da casa, que não deve
ser pouca, porque são uma porção de filhos, e mais os trabalhos de enfer-
meira... deixe lá que deve ser fogo.

ARABELA - Tudo está certo, só me parece que ao menos um telegrama ela podia me man-
dar passar. Você vê... eu estou completamente desorientada. Sem saber
coisa nenhuma...

JUSSARA - Eu estou lhe servindo muito mal? A senhora parece tão aflita por Catari-
na...

ARABELA - Não, você não me serve mal, pelo contrário: serve-me muito bem, até, mas
a empregada efetiva da casa é ela.

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE. CHAMA DUAS OU TRES VEZES, ATÉ ATENDEDEM.

JUSSARA - Atendo, ou deixo chamar?

ARABELA - Talvez seja melhor atender. Mas pergunte o nome e repita-o alto que eu
lhe faço sinal se estou ou não estou.

JUSSARA - Sim senhora.

C/REGRA - LEVANTA O FONE DO GANCHO E PARA, SIMULTANEAMENTE, A CAMPAINHA DE CHAMADA

JUSSARA - Fronta.

RODRIGO - (FILTRO) É da casa de dona Arabela?

JUSSARA - É, sim senhor. Quem é que fala aí?

RODRIGO - (FILTRO) Aqui é Rodrigo, o neto dela.

JUSSARA - Ah, seu Rodrigo, como vai o senhor?

RODRIGO - (FILTRO) Bem obrigado. Vóvó está?

JUSSARA - Sua avó? Está sim senhor. Ela já vai atender.

ARABELA - Rodrigo, como vai, meu filho?

RODRIGO - (FILTRO) Mais ou menos bem, vóvó, graças a Deus. A senhora está boa?

ARABELA - Vou indo aqui, como velha. Quando o tempo anda ruim, não me deixa passar melhor. O meu reumatismo logo dá sinal. Como está sua noiva?

RODRIGO - (FILTRO) Bem, felizmente. A única coisa que ainda está atrapalhando um pouco é a insistência de minha futura sogra de querer avistar-se com o doutor Henrique. Eu não sei como sairemos dessa.

ARABELA - Eu sei. Depois venha aqui que nós vamos conversar sobre isto.

RODRIGO - (FILTRO) Se a senhora ainda alimenta alguma esperança com aquele seu amigo cretino e sua palavra, pode tirar esse ideia da cabeça porque aquele não fará mais nada que possa prestar. O meio inutilizou-o.

ARABELA - Não, não. O meu plano não inclui Luiz Henrique. Ele já está todo encamiñado e eu estou esperando uma solução definitiva amanhã, ou depois.

RODRIGO - ~~Então talvez seja melhor que eu vá, quando a senhora já tenha essa solução; não lhe parece?~~ (FILTRO) Então talvez seja melhor que eu vá, quando a senhora já tenha essa solução; não lhe parece?

ARABELA - De fato. Eu telefono a você, então, no momento oportuno. Combinado?

RODRIGO - (FILTRO) Combinado, vóvó. Um beijo do seu neto.

ARABELA - Obrigado, meu filho. A minha bênção para você.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

ARABELA - O que é que você está aí com os olhos tão arregalados, repariga? Eu disse alguma coisa feia?

JUSSARA - (ATRAPALHADA) Não, não... não é isso... eu... eu... eu nem estava escutando o que a senhora falava, dona Arabela.

ARABELA - E mesmo que escutasse, o que é que tinha? Eu não estava combinando nenhum roubo... nenhum crime... (TOM) Que horas são?

JUSSARA - Não demore, já vão bater dez horas.

ARABELA - O que?! Já são quasi dez horas?! Então vai logo preparar o meu chá que, em seguida, eu quero deitar-me.

JUSSARA - Sim senhora. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

ARABELA - Eu não devia ter falado na presença dessa repariga. Não devia. Afinal... não sei quem ela é... qual as suas disposições... o seu caráter... pode muito bem ser uma conversadeira, uma intrigante, que venha anular o resultado do meu plano que me custou tantas noites de sono! Bem, o que está feito, está feito. Vamos esperar, agora que eu não me arrependo do que fiz.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

CATARINA - Vim conversar com você, para saber como andam as coisas por aqui.

MARINA - Eu é que lhe pergunto como andam as coisas por lá.

CATARINA - Pelo que se pode ver, continua tudo na mesma. Ela esteve aqui ante-on-tem; não esteve?

MARINA - Esteve, mas não me parece que tenha adiantado alguma coisa a sua visita.

CATARINA - Falou-lhe sobre a criança e nas vantagens de se desembaraçar dela?

MARINA - Falei-lhe, é claro. Fiz tudo que você me recomendou, mas ela não se mos-
trou muito disposta a me atender. Pelo menos o seu silêncio fez-me de-
duzir isto. Você tem ajudado?

CATARINA - Não tenho podido fazer nada. Parece que alguém andou envenenando o es-
pírito de dona Eugênia contra mim e ela, agora, não me dá nenhuma oportu-
nidade de me aproximar e conversar a sós com ela, como fazia a prin-
cípio.

MARINA - Mas quem poderia ter envenenado o espírito dela contra você?

CATARINA - Pode-se lá saber? O que ~~me~~ sei é que pela forma pacífica eu não conse-
guirei alcançar o meu objetivo, então resolvi apelar para a ignorância
e é por isso, exatamente, que estou aqui.

MARINA - Você quer alguma coisa de mim?

CATARINA - É claro. Eu poderei fazer alguma coisa, sem o seu auxílio?

MARINA - E o que é que você quer de mim? Diga.

CATARINA - Ainda não sei bem. Só sei que amanhã, ou depois, talvez bata aqui pedin-
do o seu auxílio para o que estou pensando fazer.

MARINA - E o que é que você está pensando fazer?

CATARINA - No momento propício você ficará sabendo.

MARINA - Por que no momento propício? Não tem confiança em mim?

CATARINA - Eu confio desconfiando, como diria minha avó, se estivesse aqui. E de-
pois, para dizer bem a verdade, eu nem sei bem, ainda, o que vou fazer.

MARINA - Amanhã eu vou para fora e só volto no fim da semana. Não poderá deixar
o seu plano para o princípio da semana que vem?

CATARINA - Posso. Até lá eu ainda vou estudar bem os prós e os contras, que é para
ver se realmente vale a pena fazer o que/ estou pensando.

MARINA - Pois então fica combinado que a partir de segunda-feira próxima eu es-
tarei ao seu inteiro dispor para o que desejar executar. Combinado?

CATARINA - Combinado.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE FUA, BATE EM SEGUNDO PLANO.

MARINA - Tem gente aí. Quem poderá ser, a esta hora da tarde?

CATARINA - Quer que eu vá atender?

MARINA - Não, não, é melhor você ficar por aqui. Deixe que eu mesma vou.

C/ REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE SOMEM.

CATARINA - Mulherzinha ôiê! Quem não souber a bisca que ela é, será capaz de acreditar na sua candura e no tom de inocência que bota em suas palavras. Mas quem não te conheça que te compre. Eu não. Eu vim aqui para te dar uma última chance, para ver se te arrependias e me confessavas que estavas procedendo justamente ao contrário do que eu te havia encomendado, mas a minha presença não te constrangeu, nem te emocionou. Com a maior care de pau deste mundo seguiste fingindo e me atrelando. Pois bem, talvez ainda hoje eu me resolva cobrar-te o que me deves.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

MARINA - Catarina, tá vais me desculpar, mas a vizinha veio me buscar para o cinema e está aí na sala me esperando.

CATARINA - Está bem. Vá se preparar que eu saio com a senhora. Será bom divertir-se um pouco.

MARINA - Então com licença, sim? Vou trocar de vestido num momento.

CATARINA - À vontade. Não precisa fazer cerimônia comigo, não.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SOMEM.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Esse diabo tem sorte. Justamente agora que eu ia cobrar a minha conta, chegou um anjo da guarda para salvá-la! Vai ter sorte assim lá no inferno!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA O INTERVALO DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE

RODRIGO - Recebi ^{seu recado} ~~uma mensagem~~, Vóvó, e apressei-me em vir vê-la.

ARABELA - Olha bem se a rapariga não está por aí.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM 1º PLANO. ABRIR E FECHAR DUAS PORTAS SEGUIDAS. PASSOS.

RODRIGO - Não, Vóvó, aqui por perto não há ninguém. Pode falar.

ARABELA - Examina um convite de enterro que há nesse jornal de Minas.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR E FOLHEAR JORNAL.

ARABELA - Procura aí, na terceira ou quarta página, não sei bem.

RODRIGO - Estou procurando. (PAUSA LONGA).

ARABELA - Inda não achou?

RODRIGO - Aqui tem. Deve ser isto...

ARABELA - Lê alto, para que eu possa ouvir.

RODRIGO - (LENDO) A família, os amigos e clientes do doutor Henrique Dioravan de Araujo, consternados com o seu trágico desaparecimento, avisam a todos que se interessarem em prestar-lhe sua homenagem póstuma, que o corpo está sendo velado na residência de sua mãe, na Avenida da Liberdade nº 1457, de onde sairá para o sepultamento às 17 horas de hoje. Antecipam agrade^{ci}mentos.

ARABELA - Não foi um plano genial?

RODRIGO - Eu não entendi nada, vóvó. O que é que tem que ver esse convite de enterro com...

TÉCNICA - UM ESTOURO MUSICAL RÁPIDO.

RODRIGO - (ACHOU) Vóvó! Agora é que eu me dei conta!... A senhora me arranjou um nome tão aristocrata que eu não pude, de forma alguma, ligar àquele su^{jeito}! Mas a senhora é genial, vóvózinha! Merece um beijo. (BEIJO)

ARABELA - Se soubesses o que me custou de insônia e de trabalho conseguir isto aqui! Tive que mandar lá, expressamente, uma pessoa da minha confiança, para fazer tudo. Foi talvez o convite de enterro mais caro de todos os tempos!

RODRIGO - Mas foi uma ideia genial. ~~XX~~ Verdadeiramente genial. Só a senhora seria capaz de encontrar uma solução como esta para um caso que eu via perdido porque não sabia de que modo sair.

ARABELA - Agora não há problema. Você leva o jornal, ~~xxxx~~ diz que eu mesma queria ir levá-lo à dona Sílvia, mas que estou completamente debruçada com o golpe que sofri e não tive ânimo para sair.

RODRIGO - E si ela me pedir detalhes da morte dele, o que é que eu digo?

ARABELA - Conte que ele vinha disparando num automovel, chamado com urgência para atender a mãe, quando um caminhão, que radeava em direção contrária, fez capotar o carro e ele morreu ali mesmo com fratura de crânio.

RODRIGO - (rindo) A senhora daria uma boa escritora, vóvó. Tem uma facilidade em criar histórias...

ARABELA - Que se vai fazer, meu filho? É a vida que nos ensina e nos obriga a fazer essas coisas. O que estou fazendo nem se justificaria, se não fôsse para livrar-te das consequências de uma injustiça.

RODRIGO - Bem, vóvó, eu vou agora mesmo para lá. E estou tão contente com a solução que a senhora arranjou que nem sei onde irei buscar uma cara compunhada. Acho que não vai ser possível arranjá-la.

ARABELLA - Como não, meu filho? Pois se disso depende o teu êxito... tens que te mostrar abatião, de qualquer forma.

RODRIGO - Bem sei e vou fazer todo o empenho, mas não creio que chegue a convencer ninguém. Tchau, vóvó. (BEIJO) Muito obrigado por tudo.

ARABELLA - Não me agradeças. Bem deves calcular como estarei feliz por poder servir-te. Anda, vai.

RODRIGO - Vou, sim. Outro beijo. (BEIJO)

C/RECRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM E SE SOMEM NA DISTÂNCIA.

ARABELLA - Se não achasse um jeito de livrá-lo, o remorso me mataria!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

CRISPIM - Você pensou bem no que vai fazer, minha filha?

EUGENIA - Pensei, Padre Crispim. Não posso mais continuar vivendo assim como vivo, sem paz e sem descanso, em ~~excitação~~ constante sobresalto, com o perigo de uma cilada e roubar-me o sono por noites inteiras, com o preságio de uma desgraça e rondar a vida de meu filho... Não posso mais, Padre Crispim, não posso mais!...

CRISPIM - Você está nervosa, exgotada... é por isso. Não posso crer que alguém possa se em fazer-lhe mal.

EUGENIA - Se visse a metade dos avisos que tenho recebido... Por telefone... por carta... por intermédio de recados... Eu acabo ficando louca, Padre Crispim, por isso rogo-lhe que não faça nada para deter-me.

CRISPIM - Não, minha filha, eu não farei. Se você acha que longe irá viver melhor, é muito natural e muito humano que procure a sua conveniência, mas eu tenho muito pezar que abandone o seu posto e renuncie a todos os seus direitos de esposa, dentro do seu próprio lar.

EUGENIA - Os meus direitos de esposa ~~me~~ são muito poucos, Padre. Sou uma esposa abandonada. Uma esposa que o marido só aparece em casa quando lhe dá vontade de torturá-la. Uma esposa infamada, uma esposa ultrajada, uma esposa traída nos seus mais íntimos sentimentos.

CRISPIM - Mesmo assim, a impressão que abriço é de que, se conseguisse permanecer no seu posto, acabaria vencendo.

EUGENIA - E que me adiantaria a vitória quando meu filho estivesse morto e eu despojada da minha alegria e da minha fé? Não, Padre Crispim, mil vezes não vale muito mais, para mim, a alegria e a glória de ser mãe!

CRISPIM - Bem, minha filha, se assim é... vá então. Vá e que Deus ilumine o caminho que você irá trilhar. E se algum dia, lá onde estiver, precisar de

- CRISPIM - (CONTINUAÇÃO) um conselho amigo, de uma orientação qualquer para você ou para algum de seus filhos - digo seus pelo que vai nascer - não esqueça que o seu velho confessor e amigo aqui estará inteiramente às suas ordens e se sentirá muito feliz em poder servi-la.
- EUGENIA - Obrigada, Padre Crispim, muito obrigada. Eu não me esquecerei do senhor, pode estar certo.
- CRISPIM - Quando é que vai?
- EUGENIA - Só para o senhor eu vou dizer. Depois de amanhã, durante a noite, sairei de minha casa, com Tereza e meus filhos, nas pontas dos pés como uma criminosa. Tomarei um ônibus que me levará para Santa Catarina e de lá rumarei para a fazendola da irmã de Tereza. O que lá me espera, não sei, mas tenho fé em Deus que, de toda maneira, a vida será muito mais tranquila do que aqui.
- CRISPIM - Quem confia em Deus, dele sempre recebe. Coloque-se sempre sob a sua divina proteção e esteja bem certa de que jamais terá do que se arrependar!
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.
- LEILA - Meu querido, você parece triste com a morte de seu médico, não?
- RODRIGO - (fingindo) Claro... você compreende... Era amigo de vovó, tratou de toda a nossa família...
- LEILA - É justo. E tanto mais que ele era um homem relativamente moço.
- RODRIGO - De aparência, porque em idade ele já era um tanto avançado.
- LEILA - Mas não parecia, você sabe? Eu não lhe teria dado mais que cinquenta e dois ou cinquenta e quatro anos.
- RODRIGO - Mas tinha mais. Já andava beirando os sessenta. Você se lembra bem dele, não é?
- LEILA - Perfeitamente. Se fosse pintora, seria capaz de reproduzir-lhe o rosto de memória.
- RODRIGO - É mesmo? Tanto assim?
- LEILA - É verdade.
- RODRIGO - Vá mostrar o jornal à sua mãe. Costaria de saber o que ela disse.
- LEILA - Mãe não está, foi ao cinema. Mas quando ela chegar, não se preocupe que eu não me esquecerei de mostrar.
- RODRIGO - E amanhã você me telefona cedo? Promete?
- LEILA - Claro, querido. Sou capaz, até, de tirá-lo da cama. A que horas você pensa levantar amanhã?

RODRIGO - Quero ver se às oito horas já estou a caminho da faculdade.

LUIZA - Pois então às sete e meia eu telefonarei para você.

RODRIGO - Combinado, querida. Vou esperar seu chamado com uma ansiedade tremenda!

TÉCNICA - CORTEINA MUSICAL PARA TRANSIÇÃO DE CENA. - FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, APASTADO, BATENDO OITO BADALADAS ESPAÇADAS.

TEREZA - (SONOLENTA, BOCEJANDO) Será que eu estou sonhando... ou bateram mesmo oito horas da manhã?... Não pode ser... Eu devo estar enganada... Nunca me acordou tão tarde... A esta hora o menino já teria que ter tomado a sua primeira mamadeira... (BOCEJA, EXTREMUNHA) Que coisa exqu岸ita... Parece que tenho chumbo dentro da cabeça... não consigo levantá-la do travesseiro... (CHAMANDO) Dona Eugênia... dona Eugênia... a senhora está aí? Dona Eugênia?

EUGENIA - (TAMBEM SONOLENTA E BOCEJANDO) Han? Quem é? Quem chamou pelo meu nome?

TEREZA - Foi eu, dona Eugênia.

EUGENIA - Eu quem?

TEREZA - A Tereza. Será que a senhora não está reconhecendo a minha voz?

EUGENIA - Ah, a Tereza! O que é que você quer? Eu estou que nem posso levantar a cabeça de tanto sono.

TEREZA - Também eu estou assim, mas parece-me que já são mais de oito horas. Luizinho precisa tomar a sua primeira mamadeira. Veja se consegue levantar e me dar uma ajudézinha, porque eu sózinha já vi que não levanto.

EUGENIA - Deixe-me, Tereza. Quero dormir. Tenho sono. Muito sono. Muito sono... (VAI PERDENDO A FORÇA E BALANDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS JÁ ARRASTANDO A LINGUA).

TEREZA - Mas não pode ser... Está havendo alguma coisa estranho aqui... Nunca dormimos assim... nunca... Vou fazer um grande esforço, mas vou levantar-me. E se chegar até ao quarto de banho a água fria no rosto vai me fazer bem. (FIZ COMO QUEM SE LEVANTA COM GRANDE ESFORÇO, GEMENDO) Pronto. Pelo menos já consegui sentar na cama. Já foi alguma coisa. Agora vou... (TRANSIÇÃO) Não!... Não pode ser! Não pode ser!... O berço de Luizinho está vazio!...

TÉCNICA - GRANDE EXPLOSAO MUSICAL QUE FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

19º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

TEREZA - (chamando) Dona Eugênia... veja se consegue levantar e me dar uma ajudazinha... Eu, sózinha, já vi que não me levanto.

EUGENIA - (TONTA DE SONO) Deixe-me, Tereza... Quero dormir... (vai perdendo a força e arrastando a língua) Tenho sono... muito sono... muito... sono...

TEREZA - Mas não pode ser... Está havendo alguma coisa estranha aqui... Nunca dormimos assim... nunca... Vou ter que fazer um grande esforço, mas vou levantar-me. E se puder chegar até ao quarto de banho... a água fria, no rosto, vai me fazer bem. (FAZ COMO QUEM SE LEVANTA COM GRANDE ESFORÇO, GEMENDO) Pronto. Pelo menos já consegui sentar na cama. Já foi alguma coisa. Agora vou...(TRANSIÇÃO) Não!...

TÉCNICA - ACORDE TRÁGICO QUE É UMA EXPLOÇÃO.

TEREZA - Não... não pode ser!... Não pode ser!... O berço de Luizinho... está vazio...

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

TEREZA - Meu Deus!... Eu estou tonta... mal posso caminhar...

G/ REGRA - PASSOS INCERTOS E CAMBALEANTES. ARRASTAR DE CADEIRA.

TEREZA - Dona Eugênia... dona Eugênia, acorde... O Luizinho... O Luizinho foi roubado... o berço está vazio... Dona Eugênia, acorde, pelo amor de Deus! Temos que tomar providências...

EUGENIA - (TONTA DE SONO) Deixe-me dormir, Tereza... Tenho sono... muito sono...

TEREZA - Mas o seu filho foi roubado. Temos que agir imediatamente, antes que se ja tarde... Dona Eugênia... Dona Eugênia... Qual! Ela está totalmente sob o efeito de algum remédio. Mas eu tenho que fazer alguma coisa... Não posso perder tempo, não posso... Já sei. Vou telefonar para o doutor Cícero e para a polícia, ao mesmo tempo.

G/REGRA - PASSOS TRÔPEGOS E LOGO A SEGUIR RETIRAR FONE DO GANCHO E DISCAR.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL QUE TRADUZA TENSÃO E NERVOSISMO.

MARINA - Como essa criança incomodou, durante a noite! Estou com uma raiva da Catarina que ~~eu~~ nem sei. Mas também... si ela não der um jeito até à noite... eu chamo um taxi e vou entregá-la de volta. Ela, depois, que se arrume com a polícia. A criança chorou a noite toda. Não me deixou dormir. E depois os vizinhos sabem que eu sou sózinha, se sai uma notícia de rapto no jornal é capaz que eles desconfiem e deem parte de mim. Não, não

MARINA - (CONTINUAÇÃO) quero saber disto. Já chega que eu avisei dona Eugênia de um segundo atentado, ela é capaz de se lembrar disto, falar à polícia e aí mesmo é que descobrem a criança. E depois como é que eu vou explicar a situação se todos que me conhecem sabem que não sou cartomante coisa nenhuma? Não, não... eu estou ficando até apavorada. Fico até à noite por que foi o compromisso que assumi. Depois... nem mais um minuto.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL QUE REFLITA MEDO E NERVOSISMO

DELEGADO - O senhor quem é?

CICERO - Sou médico da família há muitos anos.

DELEGADO - Chegou há muito tempo?

CICERO - Há uns quinze ou vinte minutos. Fui chamado por Tereza, a velha empregada de dona Eugênia, para arrancá-la daquele torpor em que se encontrava, pelo efeito do narcótico que lhe fizeram cheirar.

DELEGADO - Mas a polícia devia ter sido avisada em primeiro lugar.

CICERO - Disse-me Tereza, que é uma mulher que me merece crédito total, que primeiro telefonou aos senhores e logo depois à mim. Naturalmente, aconteceu que cheguei primeiro, talvez porque more mais perto, não sei...

DELEGADO - O senhor botou a mão em alguma coisa, quando chegou?

CICERO - Não senhor. Fui direto ao quarto de dona Eugênia e a minha ação se limitou a aplicar-lhe uma injeção, cuja seringa eu já costumo ter esterilizada, para os casos de urgência. Depois, naturalmente, ela ao saber o que sucedera, teve uma crise de nervos muito forte e eu permaneci ao seu lado, confortando-a. Foi isso tudo que fiz, até agora.

DELEGADO - E o marido? Não dormiu em casa esta noite?

CICERO - Não posso lhe dar nenhuma informação concreta porque nunca entro na intimidade dos meus clientes, mas, segundo ouvi dizer, eles parece que vivem separados. Talvez fôsse melhor que esperassem mais um pouco, até que dona Eugênia se acalmasse mais, ~~XXXXXXXX~~ e fossem ao quarto interrogá-la.

DELEGADO - ~~xxx~~ Já tentamos falar, mas parece que ela não está atinando. Foi por isso que achamos melhor vir conversar com o senhor. Pensamos, ao início, que fosse o marido. Há alguém mais dentro de casa, além da velha empregada que é babá do menino?

CICERO - Parece-me que sim. Mas olhe, Tereza talvez lhe possa dar as informações que os senhores estão necessitando. Aí vem ela.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER, QUE SE PAROXIMAM, CANSADOS.

TEREZA - (ABATIDA E CHOROSA) Doutor, o senhor quer ir atendê-la? Ela acabou de

- TEREZA - (CONTINUAÇÃO) perguntar pelo senhor. Parece que está sentindo necessidade de sua presença.
- CICERO - O senhor delegado concordando... as informações que eu poderia dar, já dei todas. Você talvez, agora, seja mais útil do que eu.
- DELEGADO - Sim, o senhor pode ir e dona Tereza ficará dando-nos o seu depoimento, que é importante.
- CICERO - Atenda ao senhor Delegado, Tereza, enquanto eu vou atender sua patrôa. Diga a ele tudo que você sabe, sem ocultar a mínima coisa. Às vezes, por querermos esconder uma coisinha que nos parece atôa, atrapalhamos toda uma investigação. Com sua licença, senhor delegado.
- DELEGADO - É sua.
- C/ REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM E SE SOMEM NA DISTÂNCIA.
- DELEGADO - Onde está o chefe da casa, dona Tereza? O marido de dona Eugênia?
- TEREZA - Não sei. Ele há mais de um mez que não dorme em casa. Vem jantar diariamente, quasi que não fala com ninguém, fica aí até nove horas, nove e meia da noite, pega o chapêo e vai embora, sem se despedir de ninguém. No dia seguinte, faz a mesma coisa. Na hora do jantar aparece.
- DELEGADO - E ele se dá bem com sua patrôa?
- TEREZA - Até há algum tempo, era um ótimo marido e um pai excelente. De repente, cismou com a mulher e o filho e nunca mais foi a mesma coisa. Mal fala com eles e assim mesmo quando precisa.
- DELEGADO - Parece-lhe que ele pudesse ter interesse no desaparecimento do menino?
- TEREZA - Não sei, mas... acho que esse não. O que está para nascer, sim. Este ele não queria por nada e fez todo o empenho em que dona Eugênia se dessembrançasse dele. Como ela não quiz, ele ficou furioso e daí foi que começaram as divergências.
- DELEGADO - Mora mais alguém, dentro de casa, com a senhora e dona Eugênia?
- TEREZA - Mora, sim. Mora uma mulher que eu desconfio muito da amabilidade dela.
- DELEGADO - E essa mulher quem é? Onde está?
- TEREZA - Chama-se Catarina e está no seu quarto dormindo. Logo que dei falta da criança corri lá e chamei por ela. Estava do mesmo jeito que dona Eugênia, mas na minha opinião ela não estava sentindo nada, estava fingindo tudo.
- DELEGADO - É muito fácil verificar-se. O doutor irá connosco ao quarto dela e, num rápido exame, poderá logo ver ~~se~~ si ela está realmente sob efeito do narcótico, ou não. Se estiver fingindo, não será preciso buscar-se mais longe o culpado.

TEREZA - Ela está fingindo, sim. Tenho certeza que ela está fingindo. Na minha opinião ela já veio aqui para casa, disposta a roubar o menino. Está representando esta comédia, agora, para inocentar-se.

DELEGADO - Pois bem, onde é o quarto dela?

TEREZA - Na terceira porta, quasi ao fim deste corredor. Aliás o senhor vai ver logo, porque a porta ~~foi~~ ficou aberta para traz.

DELEGADO - Pois então vá acompanhar sua patrão e diga ao doutor que venha para fazer um exame na suspeita e aclarar as nossas dúvidas.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE GRANDE TENSÃO NERVOSA.

EUGENIA - (chorando) Eu devia ter ido embora antes, doutor. Eu devia!... Por que demorei? Por que?

CICERO - Vamos, minha amiga, acalme-se. A polícia já está providenciando e em menos de vinte quatro horas ha de ver que o garoto foi encontrado.

EUGENIA - Não sei porque meu coração não alimenta nenhuma esperança, doutor! A impressão que tenho é que me separaram de Luizinho para sempre!... (CHORANDO)

CICERO - Qual o que! Deixe-se de pessimismos. O Delegado que está tratando do caso, parece-me um homem muito precavido e muito experiente.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

CICERO - Vai ver como em menos de quarenta e oito horas o caso está resolvido.

TEREZA - Doutor, o seu Delegado está chamando para o senhor ir com ele no quarto de Catarina. Ele quer que o senhor faça um exame nela, para ver si ela está realmente dormindo, ou si está representando uma farsa para inocentar-se.

CICERO - Muito bem. Fique aqui com dona Eugênia, que eu vou lá e já volto.

C/REGRA - PASSOS SE AFASTAM. PORTA ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

EUGENIA - (CHORANDO) Você acha que foi ela, Catarina?

TEREZA - Mas claro que foi. Quem mais poderia ser? A senhora? Eu? Nenhuma das duas tinha o menor interesse no desaparecimento do menino.

EUGENIA - E ela? Que interesse poderia ter?

TEREZA - Ora, dona Eugênia, sabe-se lá?! Quem sabe, até, se não lhe prometeram uma boa importância para ela dar sumiço no menino?

EUGENIA - (CHORANDO MUITO) Pobre do meu filho! Tão querido... tão quietinho... onde estará a estas horas?! Será que não o vão deixar morrer de fome, meu Deus?! Por que não fugimos antes, Tereza, por que?

TEREZA - Porque estava escrito que isto deveria acontecer. Mas de uma coisa a senhora pode ficar bem certa: quem cometeu esse crime, mais tarde ou

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) mais cedo, há de chorá-lo com lágrimas de sangue. As mesmas que nós estamos chorando agora.

EUGENIA - Vai lá, Tereza, vai ver o que ela diz ao delegado. Tú deves estar perto, para que ela não possa mentir.

TEREZA - Eu vou, sim. A senhora espere que ~~eu~~ não vou demorar muito.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL QUE REPRATE GRANDE APREENSÃO

DELEGADO - Até agora, a única coisa que sabemos, ao certo, é que a pessoa entrou pela porta da frente, com chave falsa, batendo-a ~~porta~~ ao sair. Tanto dona Tereza como dona Eugênia, verificaram, à noite, que ela ficara fechada com a chave e quando dona Tereza foi abri-la, ^{de manhã} ~~portas~~ para o senhor entrar, verificou que estava ~~sem-chaves~~ *só com o francês.*

CICERO - Exato. Foi o que ela me disse em seguida.

DELEGADO - E ademais não havia uma porta ou ~~uma~~ janela da casa que tivessem sido forçadas, o que evidencia ainda mais esta assertiva. A não ser que houvesse um cúmplice, dentro de casa, que ajudasse o criminoso a entrar. Dona Tereza parece ~~não gostar~~ estar muito desconfiada com esta senhora, mas, segundo o que nos disse a própria dona Eugênia, ela nunca foi com a cara desta e uma antipatia assim, pode levar uma pessoa a fazer mau juízo da outra, injustamente.

CICERO - Pronto. O tempo da experiência está exgotado.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Como é, senhor Delegado, ela está dormindo mesmo, ou está fingindo?

DELEGADO - Está com a palavra o doutor Cícero. Ele ia falar, justamente, quando a senhora chegou.

TEREZA - E então, doutor? Tenho ou não tenho razão?

CICERO - Não, dona Tereza, não tem. Dona Catarina está, realmente, sob a ação de uma forte dose de narcóticos!

TÉCNICA - EXPLOSIÃO MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE.

CICERO - Senhor Delegado, eu estou aqui para acrescentar mais alguns esclarecimentos às declarações de Dona Eugênia, a pedido dela. Ela manda dizer ^{ao senhor} que conversou pelo telefone com a secretária ~~do~~ marido e ficou sabendo que êle está fora, desde ante-ontem ao meio dia, a negócios e que só retornerà amanhã de noite, ou depois de amanhã, de manhã.

DELEGADO - Muito bem. Isto já muda, realmente, o rumo dos acontecimentos.

CICERO - Vou telefonar-lhe assim que chegue no meu consultório, para dar-lhe contas da minha missão.

DELEGADO - Então faça-me o favor de anunciar-lhe a minha visita amanhã.

CICERO - Perfeitamente, senhor Delegado. Fique tranquilo que não me esquecerei.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL MISTERIOSA.

ARABELA - Que bom que você veio, meu filho; eu estava aflitíssima!

RODRIGO - Que houve, vóvó? A senhora parece realmente alterada.

ARABELA - Como?! Você não leu o jornal da tarde? Não viu o que aconteceu em casa de sua madrasta?

RODRIGO - (sinceramente preocupado) Não, Vóvó. Que aconteceu, diga?

ARABELA - O menino desapareceu do berço. Parece que foi raptado.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL VIOLENTA.

RODRIGO - Como?!... Luizinho foi raptado?

ARABELA - É o que parece. Desapareceu do berço, durante a noite. Todas as pessoas da casa foram narcotizadas pelo raptor que, segundo consta, agiu com chaves falsas.

RODRIGO - Que horror! Coitada de dona Eugênia! Eu deveria procurá-la, neste momento; a senhora não acha?

ARABELA - Talvez sim, mas pode estar certo que seu pai se aproveitaria desse detalhe para envolvê-lo. O jornal diz que ele está ausente, em negócios, mas que deverá chegar, de um momento para o outro.

RODRIGO - Que lhe parece essa ausência, vóvó?

ARABELA - Não sei, meu filho, não sei... A gente não quer fazer mau juízo, mas é obrigada.

RODRIGO - Não é verdade? Logo que a senhora me falou no rapto de Luizinho, essa ideia me veio à cabeça.

ARABELA - E pensa que não foi exatamente o que logo me ocorreu?

RODRIGO - (PAUSA) Não sei, Vóvó, mas parece-me que num momento destes eu não posso permanecer impassível. Tenho que fazer alguma coisa pelo meu irmão e pela minha madrasta.

ARABELA - Você não pode fazer nada, Rodrigo. Infelizmente não pode. Ai mesmo é que seu pai jamais arrancaria de sua cabeça tonta, as desconfianças que fizeram a sua infelicidade. Faça como eu, que vou ficar de longe, torcendo. O máximo que penso fazer é telefonar hoje de tarde para Eugênia e hipotecar-lhe a minha solidariedade.

RODRIGO - Então eu vou fazer a mesma coisa.

ARABELA - Escute uma coisa, meu filho: o jornal fala, como sendo uma das principais suspeitas, numa certa Catarina que está a serviço da casa há muito pouco tempo. A minha Catarina saiu para visitar uma irmã enferma, no interior, e nunca mais voltou. Não será a mesma?

RODRIGO - Óra, vóvó, como é que eu posso saber se nunca mais fui à casa de meu pai?

ARABELA - Eu estou muito desconfiada. Mas será mesmo que Eugênia teve a coragem de me fazer esta sugestão? Tirar uma empregada antiga de minha casa e tomá-la a seus serviços?

RODRIGO - Não acredite, vóvó. Dona Eugênia não seria capaz de fazer uma coisa destas, asseguro-lhe. (TOM) A senhora ainda vai precisar deste jornal?

ARABELA - Não. Por que? Queres levá-lo?

RODRIGO - Sim. Gostaria de ler toda a notícia, mas como ela ocupa quasi toda a página, deixaria para fazê-lo depois de deitado.

ARABELA - Leva, meu filho, leva, mas por favor atende ao meu pedido. Não te mete em complicações indo visitar tua madrasta. Prométe-me?

RODRIGO - Óra, Vóvó, eu já não lhe disse que vou telefonar para ela?

ARABELA - Sim, disseste-me, mas podes te entusiasmar e fazer outra coisa. E eu tenho muito medo do teu pai, sabes? Muito medo. Teu pai é fogo na roupa e si êle tiver realmente dedo nessa história, não vai deixar de aproveitar a ocasião para envolver-te.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA.

MARINA - (MONÓLOGO) Eu só quero ver em que vai dar essa história toda. São sete horas da tarde e ela ficou de vir até às nove, no máximo, para levar a criança. Se não vier, vou ter que dar um jeito qualquer, porque eu não fico com ela nem mais uma hora. Chega uma noite mal passada. Agora êle está dormindo, mas garanto que quando eu quizer dormir ele se para a chorar outra vez. (PAUSA. TOM.) Não sei, não, mas eu tenho a impressão de que Catarina fez uma grande bobagem, raptando essa criança. Ela vai acabar nas mãos da polícia. É bem verdade que ela deve ter a mão forte do seu Petrónio nessa brincadeira toda, mas mesmo assim eu é que não me sujeitava a correr esse risco. Só de estar com a criança em casa...

G/REGRA - TELEFONE CHAMA DUAS OU TRES VEZES.

MARINA - Quem será?

G/REGRA - TIRA PONE DO GANCHO.

MARINA - Alô!

CATARINA - (FILTRO - EM TOM DE SEGREDO) É dona Marina?

MARINA - Sou eu, sim. Quem é que está falando aí?

CATARINA - (FILTRO, SEMPRE NO MESMO TOM) É Catarina.

MARINA - Ah, eu estava aflita por qualquer notícia sua.

CATARINA - (FILTRO) Eu não vou poder ir aí hoje e a senhora terá que guardar minha encomenda até amanhã de noite.

MARINA - Ah, não! Essa não, Catarina. Você me desculpe, mas eu não fico com esse tranbolho na minha casa nem mais duas horas. E si você não vier, vou mandar levá-lo aí.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL MUITO PORTE.

CATARINA - (FILTRO)
A senhora não vai me fazer uma coisa dessas!

MARINA - Vou, sim. Por que não? Já passei uma noite em claro, estou cansadíssima, nervosa e não vou passar segunda. Vou esperar até às nove e si você não vier, já lhe disse o que faço.

CATARINA - (FILTRO)
Mas veja bem que você não pode me fazer isso, criatura.

MARINA - Não posso por que? Eu não quero mais esse tranbolho dentro da minha casa. E aliás, se tivesse pensado melhor, não o teria aceite. Venha buscá-lo, sinão já sabe o que faço.

CATARINA - (FILTRO)
É a sua última palavra?

MARINA - Sim. É a minha última palavra.

CATARINA - Está muito bem. Eu vou aí agora para buscá-lo... mas você vai se arrepend~~er~~, amargamente, do que está me fazendo!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.
